

ÍNDICE

PRÓLOGO	3
INTRODUÇÃO	5
1. Estado da Arte e Documentos	5
2. Objectivos	7
3. Metodologias	13
I CAPÍTULO	17
1. Percurso de Fernando Távora e ambiente na Escola de Belas Artes do Porto, em 1960. 17	
2. A oportunidade da Viagem - Fundação Calouste Gulbenkian, a Bolsa e o Diário	29
3. Destinos e Itinerários	41
II CAPÍTULO	47
1. O Professor – As Universidades e Instituições Americanas.....	47
1.1. EUA	51
1.2. Universidades e Instituições.....	57
2. O Arquitecto – Países, Cidades, Arquitecturas.....	89
2.1. As Cidades Americanas.....	89
2.2. Frank Lloyd Wright.....	121
2.3. O México.....	139
2.4. O Japão e a WoDeCo.....	149
2.5. Bangkok, Karashi, Balbek e Atenas.....	177
3. O Homem – Ao encontro de Távora entre Ocidente e Oriente.....	193
III CAPÍTULO.....	199
1. Análise Sistemática.....	199
2. Relatório omissos e suas consequências.....	203
Epílogo.....	231
BIBLIOGRAFIA.....	233

PRÓLOGO

O Objecto de Estudo desta tese, orientada pelo arq. José António Bandeirinha, e realizada no âmbito do Mestrado em Arquitectura, Território e Memória dos Estudos Avançados do DARQ, é “A Viagem do arquitecto Távora aos Estados Unidos e Japão: Diário 1960”. O Diário manuscrito desta viagem de Távora será estudado em profundidade e servirá de fio condutor a uma análise mais abrangente sobre a relação entre o arquitecto, a arquitectura e a experiência de viagem.

Para Fernando Távora viajar é inerente ao seu modo de viver e de experimentar a arquitectura, isto quer dizer que, para o arquitecto, a experiência do lugar não é indissociável do conhecimento e da prática arquitectónica. Em 1962 e sobre a importância da experiência escreve “Daqui, aliás, o problema, não em relação ao conhecimento por via intelectual mas em relação à vivência ou conhecimento integral, do conhecimento do passado ou de formas de culturas diferentes num mesmo presente ou até de formas produzidas por diferentes níveis culturais de uma mesma sociedade.”¹

Escrever sobre um diário e a viagem a que este se refere parece, à partida, tarefa redundante. Estou convencida que a ideia, vulgarmente aceite, que o diário é um documento que contém todos os segredos da história da viagem, não é verdadeira. A história de um diário, e deste especificamente, é muito mais abrangente. O motivo da escrita é tão importante como o texto em si, a identificação de todas as influências que originaram o texto, os destinos e os resultados são também essenciais à compreensão do documento *virgem* e carecem de interpretação. O Próprio Távora parecia pouco convencido da utilidade e interesse deste documento quando escreve desabafando: “É uma hora e cinco da manhã; é extraordinário o tempo que gasto com este diário... tenho que justificar as despesas à Gulbenkian...mas é também uma recordação que fica, embora sem qualquer interesse especial.”²

Este tema insere-se numa evidente relação entre a prática da arquitectura e o acto de viajar, que tem sido constante ao longo da história da arquitectura e que não foi, ainda, completamente analisada no contexto português.

Porquê escolher esta viagem e não outra? Em primeiro lugar porque foi uma viagem longa e que permitiu ao arquitecto Fernando Távora contornar o globo terrestre tendo como mote a arquitectura. Em segundo lugar, porque é talvez a viagem a que Távora mais se referia nas suas aulas e descreveu em muitos dos seus textos.

De facto, seria talvez, e à partida, mais natural estudar uma viagem de Távora ao Mediterrâneo uma vez que este é o itinerário paradigma, de quase todas as viagens de arquitectos, até agora estudadas. No caso Asplund, Kahn, Le Corbusier, Aalto, ou Krier, são as viagens ao Mediterrâneo (Itália, Grécia, etc.) que aparecem como as mais determinantes e de maior influência pessoal e profissional.

¹Fernando Távora, *Da Organização do Espaço*, Porto, 2ª. ed. ESBAP, 1982, pag.22.

²Fernando Távora, *Diário 1960*, A.A.F.T., 1960, pag.168.

A minha escolha tem, também, a ver com alguma perplexidade e curiosidade suscitadas pelo facto de uma viagem aos EUA e Japão ter surgido, no caso de Távora, como a mais reconhecida e talvez mesmo a mais importante.

Não me parece que esta investigação se insira, completamente, nos campos restritos da história da arquitectura, da arquitectura, ou mesmo da teoria da arquitectura. Este estudo contribuirá, espero, para um trabalho monográfico sobre o arquitecto Távora ou para futuras investigações sobre a relação das viagens que fez com a sua produção arquitectónica.

Foi desta dificuldade de lidar com o campo disciplinar, que surgiram as dúvidas iniciais e estruturais da investigação.

Deveria simplesmente contar a história da viagem ou, a partir dela, construir um discurso crítico e analítico sobre o autor, a viagem e, eventualmente, a sua obra? Fazer um inventário da viagem ou, depois, a partir dele, estabelecer relações com a sua vida e obra?

Algumas das minhas inquietações e dúvidas iniciais foram-se diluindo à medida que ia lendo o diário. De facto, a leitura do diário, só por si forneceu-me as pistas, incentivos e motivações mais que suficientes para construir o trabalho com determinada orientação.

Esta tese está, portanto, num plano intermédio entre a história da arquitectura (e do arquitecto) e a teoria – mas sempre, mais centrada na viagem e no arquitecto, e menos na sua obra.



Álvaro Siza
5 de Fevereiro de 2002

“Tenho viajado com Fernando Távora ao longo dos anos, constantemente. As primeiras viagens aconteceram no estúdio do Palácio Atlântico ou da rua Duque de Loulé, ou na Escola de Belas Artes. Por sua boca e gestos, eu e outros tínhamos notícia de tudo que ele tivesse visitado: último pormenor de Le Corbusier minuciosamente descrito, Pirâmide de Gizé, Templo Sunion, túmulo de Frank Lloyd Wright...

Por esses relatos fui aprendendo a gostar de arquitectura: aprendendo arquitectura.

Mais tarde as viagens tornaram-se reais e a experiência compartilhada.

Assim hoje continuam. Salvo a idade nada mudou.”

fig. 1 desenho e texto de Álvaro Siza,
Catálogo de Exposição Fernando Távora,
2002

INTRODUÇÃO

1. Estado da Arte e Documentos

A bibliografia existente sobre a interpretação de diários, ou outros elementos de viagem, de arquitectos, não é muito extensa, pelo que, para a realização deste trabalho recorri também, a obras produzidas, noutras áreas disciplinares.

Para além do Diário de Távora, de 1960, foram consultados, outros diários de viagem de arquitectos, escritores e historiadores.

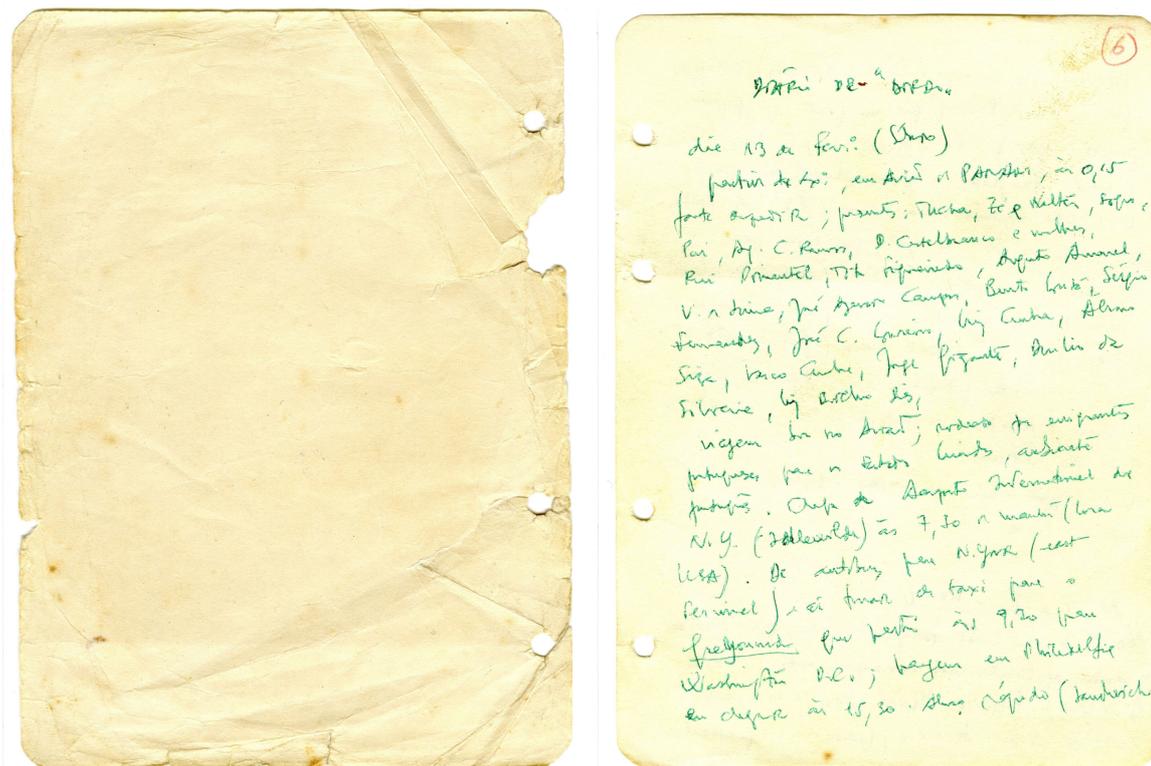


fig. 2 Diário de viagem, 1960, pag.001b e 006, A.A.F.T

É do conhecimento comum, que a *necessidade* de viajar, para arquitectos e artistas, é antiga. São conhecidas as viagens dos mestres da renascença, as interpretações *românticas* dos desenhos de Piranesi e de Ruskin, os fabulosos desenhos de Viollet-le-Duc, os cadernos de viagem de Le Corbusier com textos e esboços esclarecedores, os desenhos de viagem de Alvar Aalto ou de Kahn, os esboços de viagem de Siza ou os desenhos e relatos do próprio Távora.

A primeira dificuldade numa investigação deste tipo é conseguir distinguir entre a viagem científica *de estudo*, que se relaciona com a actividade profissional do viajante, e a viagem de lazer ou com interesse exclusivamente pessoal. Consequentemente é importante diferenciar as leituras e análises desses registos de viagem mais *romanceadas*, ou as interpretações mais científicas.

È conhecido o extenso e profundo trabalho de Giuliano Gresleri³ na decifração das viagens de Le Corbusier e a sua postura claramente objectiva e científica. No mesmo plano de rigor poderá estar o trabalho de Claes Caldenby⁴ sobre as viagens de Asplund e, também, a investigação sobre os desenhos de viagem de Kahn. O trabalho de investigação sobre a viagem a Itália de Johann W. Goethe, começado ainda pelo próprio autor ao rever os seus textos do diário, enquadra-se neste tipo de leitura da viagem.

De outra forma, mas não menos importante para o conhecimento das viagens e dos arquitectos que as levaram a cabo, estão interpretações muito mais poéticas, como a de Luís M. Mansilla⁵, ou a simples publicação de esboços como os de Aalto e Siza.

Esta investigação usa como fonte estrutural o manuscrito – documento virgem. O Diário de Távora é um diário pessoal, que não foi, aparentemente, escrito para ser lido por outros.

Esse é um dos privilégios e responsabilidade que tenho. Em princípio o que estou a ler são impressões verdadeiras do autor, sem propaganda ou preocupação em passar uma mensagem sobre uma qualquer ideologia ou sobre o próprio viajante, a outros. È um texto autêntico.

³G. Gresleri é um estudioso das viagens de Le Corbusier, tendo analisado documentação de diversos itinerários. Publicou, entre outros livros: *Le Corbusier Viaggio in Oriente* e *LE CORBUSIER: Voyage d'Allemagne. Carnets; Voyage d'Orient : carnets*.

⁴Claes Caldenby, Olof HULTIN, *Asplund*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, S.A., 1988.

⁵Luís Moreno Mansilla, *Apuntes de viaje al interior del tiempo*, Barcelona, Colección Arquíthesis, núm.10, Fundación Caja de Arquitectos, 2002.

2. Objectivos

No âmbito desta tese, poderia ser colocada qualquer uma das seguintes perguntas:

Como é que se faz a análise das viagens dos arquitectos, e quais são os instrumentos de interpretação destas análises?

Do meu ponto de vista a investigação das viagens de arquitectos, e que é possível destrinçar nas obras consultadas, tem três objectivos e abordagens claros, identificáveis e, por vezes, contraditórios;

a. Viagem # Projecto

A história das viagens de arquitectura constrói-se, valorizando os registos de viagem pela sua comparação com a produção arquitectónica e com a actividade profissional do arquitecto.

Como Agustina Bessa-Luís refere no seu breviário “O que vimos alimentou em nós o espírito da vida. As nossas obras, durante muito tempo, serão marcadas pelas paisagens e os gostos tão diferentes de Estado para Estado...”⁶

Por vezes, a análise das viagens justifica-se porque valida o acto projectual estabelecendo relações directas entre a viagem e o modo de projectar, e outras vezes porque reflecte a procura de conhecimento, através da experimentação dos lugares, que poderão vir a influenciar o projecto de forma menos consciente.

Mas, nas viagens de arquitectos, não são só as questões da forma, linguagem, ou organização espacial, por exemplo, que podem ser identificadas e comparadas com a sua obra, também as questões relacionadas com o método de aproximação aos lugares, como a preferência do desenho à fotografia ou a valorização das impressões do sítio, menosprezando as indicações literárias ou históricas, podem reflectir o seu próprio método de trabalho quando projecta.

No estudo da viagem de Le Corbusier ao Oriente⁷, talvez a mais dissecada de todas as viagens de arquitectos, são constantemente realçadas as influências daí retiradas. O autor, Giuliano Gresleri, interpreta a história das viagens, estabelecendo relações cruzadas entre momentos da viagem, que podem estar na génese da incorporação de alguns elementos de forma e linguagem, e as obras de arquitectura. Para o autor, existe um Le Corbusier antes de ir ao Oriente e um outro que surge depois, sendo essa viagem olhada como uma espécie de momento de viragem ou ruptura no seu processo de projectar.

⁶Agustina Bessa-Luís, *Breviário do Brasil*, 1ª ed., Porto, ASA, 1991, pag.90

⁷Giuliano Gresleri, *Le Corbusier Viaggio in Oriente*, 1ªed, Paris e Veneza, Fondation Le Corbusier, Marsilio Editori, 1984.

No texto “Viaje a Italia”⁸, publicado na monografia de Erik Gunnar Asplund é realçado o impacto directo que tiveram “...las calles del cementerio de Pompeya en el proyecto Tallum para el cementerio del sur de Estocolmo.”⁹

A viagem assim interpretada mostra-nos uma relação causa-efeito, na vida e obra do arquitecto.

Távora parece usar um método empírico em tudo o que produz, textos e obras. No caso do Diário de 1960, não se sente, à partida, esse momento de ruptura ou transformação, tudo é aceite na sequência, mais ou menos, tranquila da experiência. Távora refere, mais tarde, numa entrevista,¹⁰ que o pavilhão de Ténis da Quinta da Conceição, embora tenha sido projectado antes desta viagem aos Estados Unidos e Japão, só depois foi executado, e que alguns pormenores podem ter sido *afinados* na fase de obra como reflexo do que tinha visto. Ou seja não parece haver uma transformação radical face ao projecto, apenas uma integração natural de informação nova num processo de desenho que não estava, ainda, terminado.

Embora não seja esse o objectivo desta tese, seria natural que a evolução deste trabalho, eventualmente numa fase posterior de doutoramento, se dedicasse a explorar e analisar as influências mais ou menos directas entre o que o arquitecto observou nas suas viagens e a arquitectura que *produziu*, como é o caso dessas pequenas alterações entre o projecto (que ficou na gaveta) e a obra construída.

b. Viagem = Verdade

A análise das viagens é também construída como momento de revelação da verdade – a viagem é o paradigma do confessor.

Longe dos constrangimentos da actividade profissional, o arquitecto *revela-se* através do diário.

A análise dos desenhos e textos do viajante, olhada por este prisma, permite revelar tudo aquilo que faz parte do seu campo de interesses e ainda, representa, pela ausência, tudo aquilo que o arquitecto deixou de fora do seu itinerário e que, por isso, desvaloriza. É isto que nos diz Agustina Bessa Luís no Breviário do Brasil, que “Não vale a pena andar de bloco na mão e lápis afiado se o coração não vê o que lhe pertence em qualquer lugar do mundo.”¹¹.

A viagem é usada como instrumento analítico, lêem-se os registos em diário à procura dos valores fundamentais com os quais o arquitecto/viajante constrói o seu discurso. Este método explica a viagem, no sentido em que permite ao arquitecto clarificar as suas convicções

⁸Karin Winter, “Viaje a Itália”, in *Erik Gunnar Asplund, 1885-1940*, catálogo de exposição, Organización: Dirección General para la Vivienda y Arquitectura, Edita: Secretaría General Técnica, Centro de Publicaciones Ministério de Obras Públicas y Urbanismo, 1987

⁹*Ibidem*, pag.21

¹⁰Javier Frechilla, “Conversaciones en Oporto/Fernando Távora”, in *Arquitectura Revista do Colégio Oficial dos Arquitectos de Madrid*, nº.261, Madrid, 1986, pag.28

¹¹ Agustina Bessa-Luís, *idem*, pag.38

ideológicas, que o confronto com o novo, entre outras circunstâncias da viagem, lhe permitiu visionar/perceber.

Como exemplo, Giuliano Gresleri chama atenção para o facto de Le Corbusier se interessar pela construção anónima e corrente e para o constante e obsessivo registo da materialidade e da pureza formal dos objectos e da arquitectura que contempla nas suas viagens pelo mediterrâneo.

A viagem é uma forma do viajante se auto conhecer, e por isso dar-se a conhecer. A informação que integra estudos com estas características tem forte carácter biográfico.

“Não faço esta bela viagem para me iludir a mim próprio, mas para me conhecer melhor a partir dos objectos que contemplo;”¹² (...) diz-nos Goethe no diário de viagem a Itália.

Os desenhos de viagem de Louis I. Kahn foram analisados no trabalho “Drawing from the Source”¹³, que recorreu a uma comparação sistemática dos registos, de quase todas as suas viagens. A investigação revelou que alguns destes desenhos não foram elaborados nos lugares que visitou. Estes esboços foram criados usando postais ou fotografias sobre os quais, o arquitecto *introduzia* a memória que, o próprio, tinha criado do lugar. Dessa forma, eram colocados no mesmo plano de valor, reproduções existentes e impressões pessoais da viagem. Os desenhos de Kahn não são simples representações do que está a observar, mas antes, expressões pessoais da realidade experimentada, revelando mais do arquitecto que da realidade/verdade arquitectónica.

Terá também sido numa das suas primeiras viagens que Viollet-le-Duc, então desenhador, descobre a sua verdadeira vocação e revela numa carta que escreve ao pai, que desejava acima de tudo ser arquitecto. Mais do que reproduzir o que via, Viollet-le-Duc queria criar e executar “...de si belles choses...”¹⁴.

A forma como Távora descreve Taliesin nesta viagem de 1960 e como se emociona com o sítio é, sintomática e reveladora dos princípios em que acredita. “...pude sentir em tudo uma riqueza de formas, um à vontade, que nunca encontrara na arquitectura contemporânea...”¹⁵. Este *desabafo* poderá contribuir para esclarecer algumas dúvidas, se ainda as houver, quanto aos conflitos ideológicos do arquitecto.

c. Viagem => Conhecimento Histórico

A viagem é também um teste ao conhecimento, ou seja, cria em consequência um processo de confirmação ou verificação da história da arquitectura.

¹² Johann W. Goethe, *Obras escolhidas de Goethe, Viagem a Itália*, Lisboa, Relógio D' Água Editores, Dezembro de 2001, pag.55.

¹³ Eugene Johnson e Michael Lewis, *Drawn From The Source: The travel Sketches of Louis Kahn*, Library of congress Cataloguing, The MIT Press, Cambridge Massachusetts and London, England, 1996.

¹⁴ Jean Paul Midant, *Au Moyen-Âge avec Viollet-Le-Duc*, Paris, Parangon, L'Aventurine, 2001, pag.7.

¹⁵ Fernando Távora, *idem*, pag.239a.

O conhecimento histórico constrói-se a partir da abstracção da realidade, muitas vezes, mal interpretada, ou interpretada na perspectiva *deturpada* pelo olhar do historiador, que escreve em função daquilo que quer ver e contar.

No livro “Viagem a Itália”, Goethe conta que leva consigo alguns guias entre os quais duas histórias da arte, a de Winckelmann e de Volkmann. O autor põe em causa a validade de ambos os textos e questiona o valor de verdade, de toda a produção historiográfica: “Winckelmann fez tanto, e deixou-nos tanto para desejar! Com os materiais que recolheu levantou depressa a construção, para arrumar tudo debaixo de telha. Se ainda vivesse e tivesse saúde, ele seria o primeiro a dar-nos uma edição revista da sua obra. E o que ele não poderia ter ainda observado, corrigido, utilizado, de tudo aquilo que recentemente, e seguindo os seus princípios, tem sido feito e observado, desenterrado e descoberto! E depois já não estaria vivo o cardeal Albani, por dedicação ao qual ele tanta coisa escreveu, e tantas outras talvez tenha deixado no silêncio.”¹⁶

Não se trata pois de uma abstracção ingénua da realidade construída. Goethe não só afirma que as condicionantes “políticas” da época forçaram determinada tendência de escrita, mas também, que as conclusões a que chegou Winckelman seriam outras se pudesse continuar as suas viagens e estudos por tempo indeterminado.

Os textos da História da Architectura são, na sua maioria, construídos sem que o historiador conheça os lugares *in loco*. A sua História é já uma interpretação de outros textos ou outros documentos gráficos, processo que poderá originar equívocos historiográficos.

Se, por um lado, qualquer viajante está sujeito ao erro, por outro lado, o registo das suas observações poderá contribuir para a confirmação ou correcção desses mesmos textos.

Segundo este método, a viagem é um instrumento que permite, não só, a aproximação a uma realidade complexa, mas também contrapor a imagem estereotipada dos lugares imaginados e substituí-la ou, simplesmente, completá-la.

Em 1786 Goethe faz, a propósito desta questão, o seguinte comentário sobre os desenhos, de Palladio, da Igreja de Maria della Minerva; “Palladio, que merece toda a minha confiança, dá na verdade, o desenho deste templo, mas não pode tê-lo visto, porque coloca autênticos pedestais na superfície da estilóbata, o que faz com que as colunas subam desmedidamente...”¹⁷. O autor escreve ainda, alertando, depois de uma extensa explicação de um mosteiro projectado por Palladio, que “... esta descrição tem de ser reforçada pela observação das plantas.”¹⁸ O autor alerta assim para os erros que possam surgir pela simples interpretação dos textos da História.

Em meados do séc. XX, qualquer informação sobre as cidades e seus edifícios estava disponível e era actualizada com maior facilidade, ainda assim, no Diário de 1960, Távora mostra-se surpreendido e desiludido com a realidade construída de Washington. A ideia que

¹⁶ Johann W.Goethe, *idem*, pag.198.

¹⁷ *Ibidem*, pag.145.

¹⁸ *Ibidem*, pag.88.

teria construído da cidade era, possivelmente, uma imagem *cristalizada* do plano de L'Enfant. A realidade apresenta-se-lhe desorganizada e desqualificada. "Washington é uma bela cidade a duas dimensões, isto é na planta. A sua terceira dimensão porém, é o caos. Dir-se-ia que tudo foi bombardeado e que a cidade foi reconstruída em estado de emergência..."¹⁹

Este confronto obriga a que o arquitecto tenha a necessidade de adquirir, durante a viagem, elementos actualizados, que constituirão informação histórica, como mapas, desenhos, ou livros, e proceder ao registo, em diário, dessa *nova* realidade. Esta ideia será novamente reforçada dois anos mais tarde, "Quando a história da arte, por exemplo e tal como é geralmente ensinada, nos descreve formas sem as enquadrar na sua circunstância, comete, e a nosso ver, dois erros graves: em primeiro lugar deixa-nos supor que as formas são livres e aparecem um pouco por acaso (a circunstância é tão fundamental para a definição da forma como a água é indispensável para a vida do peixe) e, em segundo lugar, porque não nos fornece elementos para a sua melhor compreensão, dá-nos apenas um conhecimento vago delas e não nos aproxima da sua verdadeira realidade."²⁰

Talvez esta dificuldade de lidar com a representação/abstracção do real, seja a mais forte justificação para a necessidade de uma viagem e para a produção de análises dos seus registos.

Os textos resultantes da investigação destas viagens nunca são analisados como uma temática independente, muitas vezes constituem um capítulo *menor* na monografia de um arquitecto. A investigação sobre as viagens de arquitectos não é um campo científico autónomo, nem penso que deva sê-lo. Este estudo é mais uma forma de abordagem e de aproximação à arquitectura e ao arquitecto.

Este trabalho não ambiciona *descobrir* o verdadeiro Távora, não pretende ser exclusivamente monográfico, antes, pretende contribuir para a construção e compreensão dessa personalidade.

O objectivo do trabalho será reconstruir, não só, o percurso do arquitecto Távora no estrangeiro, mas também, tentar perceber que motivações o levaram a planear este *grand tour*, levando a fazer uma viagem solitária de 5 meses, aos Estados Unidos e Japão, em 1960.

Será importante descobrir o que o levou a estabelecer tal destino e itinerários, na tentativa de encontrar aí, pistas para o entendimento do homem e do arquitecto. Procurar-se-á perceber qual o contexto arquitectónico, cultural e eventualmente, político em Portugal em 1960, uma vez que esta realidade, poderá contribuir para a compreensão da razão da viagem.

¹⁹ Fernando Távora, *idem*, pag.014.

²⁰ Fernando Távora, *Da Organização do Espaço*, *idem*, pag.22.

Viajar parece ser, para o arquitecto Távora, mais do que um simples prazer. Esta e outras viagens poderão constituir matéria essencial, para o seu conhecimento e para o conhecimento da sua arquitectura.²¹

²¹Fernando Távora, “A individualidade não desaparece como o fumo e se nós a possuímos nada perderemos em estudar a Arquitectura estrangeira, caso contrário será inútil ter a pretensão de falar em Arquitectura portuguesa.”, “PARA UMA ARQUITECTURA PORTUGUESA DE HOJE”, in *O PROBLEMA DA CASA PORTUGUESA*, Lisboa, Cadernos de Arquitectura, 1947, pag.12

3. Metodologias

A apresentação efectiva deste Diário é aqui feita, de forma tão exhaustiva, pela primeira vez.

O conteúdo deste longo texto tem sido divulgado em pequenas partes, nas aulas que deu o arquitecto Távora, nas suas conversas com amigos e em situações específicas como a exposição em Lisboa no Centro Cultural de Belém e como exposição itinerante que esteve em Guimarães, na Corunha e em Coimbra.

Nunca de forma sistemática se revelou o conteúdo desta viagem. Paradoxalmente e apesar do relativo *secretismo* do texto, esta é uma das suas viagens mais conhecidas. Só muito recentemente e a propósito da publicação, pela Electa, de uma monografia do arquitecto²², foram transcritas diversas partes seleccionadas deste diário.

Quanto ao impacto que esta viagem e o seu Diário possam ter tido na obra do arquitecto não serão tema central desta tese, mas, pode dizer-se, sem qualquer dúvida, que constituiu matéria importante na sua actividade como professor na Escola de Belas Artes e Arquitectura, que transparece em alguns dos seus textos e entrevistas posteriores e, certamente, se revelará nas suas obras enquanto arquitecto.

O diário é escrito, sequencialmente, dia-a-dia e essa sequência temporal da escrita deve ser explicada e mostrada claramente. Existem algumas revisões ao texto, que não é possível dizer se foram feitas na altura da viagem ou durante o ano seguinte, em que Távora esteve a preparar o relatório para a Fundação Calouste Gulbenkian, que, aliás, nunca chegou a entregar.

Este será, sobretudo, um texto com valor documental, que terá como objectivo central apresentar, mas também perceber, o significado da viagem de 1960. O que foi visto e testemunhado pelo arquitecto, o que representou e que consequências imediatas, registadas em Diário, teve na forma de pensar e olhar o mundo (sobretudo a arquitectura e o urbanismo). Em consequência desta análise, o texto foi surgindo com uma organização tripartida que agora apresento.

No I capítulo procurar-se-á contextualizar a vida académica e profissional do arquitecto Távora e colocar esta viagem no seu tempo e na circunstância que a envolvia.

No II capítulo ir-se-á mostrando e descrevendo o documento – passo a passo – uma vez que este não é um texto conhecido na íntegra e, ao mesmo tempo conta-se a história da viagem de três pontos de vista distintos; como Professor, como Arquitecto e como Homem viajante. Interpreto o Diário no que me pareceu ser relevante para a construção do conhecimento sobre o seu autor.

²² Antonio Esposito, Giovanni Leoni, *FERNANDO TAVORA, opera completa*, Milano, Mondadori Electa, 2005.

Finalmente no III capítulo procurar-se-á perceber qual o impacto da viagem e quais as suas possíveis repercussões no percurso do arquitecto. As conclusões, espero, contribuirão com alguma novidade, para um saber histórico e científico sobre o arquitecto Fernando Távora.

O Diário é um instrumento de activação da memória, para quem o produziu e, por isso, muitas vezes, ininteligível para quem, que não o autor, o lê.

A interpretação do diário (texto, desenhos e fotografias), cruzada com o que se *conhece* do arquitecto (textos e obras), contextualizada no ambiente social, cultural e político de 1960, concretamente na Escola de Belas Artes do Porto, serão o tema central desta investigação.

A Viagem e o Diário de Távora serão analisados segundo vários parâmetros; a causa, o pretexto ou a motivação; os destinos, o itinerário e finalmente os registos – textos, desenhos, fotografias, cartas e postais.

Os diferentes tipos de registos serão analisados tendo em conta que são o *produto* final de um processo de observação, interpretação e registo do que está a ser observado pelo arquitecto. Tentar-se-á perceber que *filtro* usou, na representação da realidade; se um registo mais emotivo e espontâneo ou se se tratou de um *olhar* mais científico e inquisitivo.

A construção do método de análise deste Diário, aqui muito sumariamente apontada, não foi estabelecida à priori, surgiu a partir da abordagem ao Diário e é, já resultado, da própria interpretação desse documento bem como de todos os outros elementos da viagem.

A leitura de outras obras onde se estudam as Viagens de arquitectos e os seus diários deram-me no entanto algumas pistas importantes quanto às variantes possíveis de interpretação.

Enunciarei aqui, como exemplo, o método de Giuliano Gresleri em "Le Corbusier, Viaggio in Oriente".

A estrutura:

-Começa pela leitura do Diário - nele encontra um Le Corbusier que lhe parece diferente na viagem que aquele que conhece pelas obras de arquitectura e pelos textos (Por um lado o movimento funcionalista conduzindo a sua arquitectura de cariz internacional # Por outro lado a viagem romântica em moldes análogos à de um Ruskin);

-Então vai à procura das origens de Le Corbusier, a La Chaux-de Fonds, a terra natal, e encontra referências aos pais e o irmão, a quem Le Corbusier escreve inúmeras cartas durante a viagem;

-Explora o seu percurso até à formação como arquitecto (contexto cultural, referências literárias, escolas, os mestres (a quem também escreve) e as sua primeiras viagens);

-Investiga o que poderão ter sido as motivações dessa viagem, estudando os documentos utilizados, e material acumulado (obras que leva consigo, referências e conselhos dados por pessoas a ele ligadas);

-Procede a uma análise dos desenhos e textos do diário, de forma organizada, cronologicamente e não por partes, como eram conhecidos através das diversas publicações sobre Le Corbusier, mas agora contextualizados;

-Faz aquilo a que chama uma edição crítico - filológica do diário, na sua forma mais próxima, quanto possível, do original.

A análise dos conteúdos é feita segundo vários parâmetros:

-Detecta constantes – por exemplo na reprodução da arquitectura, a representação frequente, de uma mesma tipologia ou programa;

-Detecta um interesse particular, por exemplo, pela arquitectura burguesa, verificando o registo constante da arquitectura anónima;

-Analisa sistematicamente as anotações de Le Corbusier nos desenhos e suas características fundamentais – materiais, cores, análise da forma, detalhes construtivos, etc;

-Detecta uma relação particular/especial, de Le Corbusier com alguns lugares. Analisa essa relação através de uma interpretação “psicológica” do espaço. Pela adjectivação excessiva, atribuição de sentimentos a elementos arquitectónicos. (muros tristes, arquitectura contente e serena), etc

-Tenta perceber se as representações dos sítios são feitas em função daquilo que quer ver – ou seja, se escreve e desenha em função de interesses prévios, funcionando como método de pesquisa com objectivos pré-definidos;

-Em consequência tenta perceber o que fica de fora dos desenhos e das fotografias – o que não é registado;

-Explora sistematicamente o modo como é feito o registo, se Le Corbusier desenha, descreve ou fotografa e tenta perceber porquê?

-Tenta perceber como Le Corbusier viaja – Se se aproxima da realidade através das indicações literárias, referências da história da arquitectura, pelas obras ou, se a partir do itinerário, deixa a viagem correr de modo espontâneo.

-Detecta referências a personalidades, lugares e obras.

-Explora o confronto de Le Corbusier com a realidade; analisando os momentos da gestão do conflito entre – as imagens da história (bagagem cultural) e as imagens que regista.

Não existe uma grande conclusão final, as conclusões vão surgindo naturalmente à medida que as interpretações do que se analisa passam para o papel.

Num outro trabalho, “Drawn From the Source, The Travel Sketches of Louis I Kahn”, de Eugene J. Johnson e Michael J. Lewis., são interpretados, primordialmente, os registos desenhados das suas viagens.

Esta obra é uma síntese de desenhos de todas as viagens de Kahn e procura-se perceber, comparando, a sua evolução, desde a primeira à última viagem do arquitecto. É assim possível detectar as permanências e as alterações dos métodos de registo segundo inúmeros parâmetros. Este trabalho analisa, em particular, as características pictóricas e simbólicas dos desenhos.

Entre outros, estes serão alguns dos instrumentos dos quais me irei servir para compreender o Diário de Viagem aos Estados Unidos e Japão em 1960.

Quanto à utilização de documentação não tratada, que tive a oportunidade de consultar no antigo escritório de Fernando Távora, que funciona agora como arquivo documental, devo referir que muitos destes documentos nunca foram publicados ou dados a conhecer, pelo que as citações são aqui pela primeira vez transcritas.

Na maioria dos casos optei por alterar algumas palavras para o português contemporâneo, como é o caso da palavra “despezas” escrita com z no Diário e transcrita na sua ortografia actual.

Em algumas situações não é possível compreender a escrita e nessas situações optei pela omissão da palavra e usando como representação um ponto de interrogação entre parêntesis (?) se considerar que a sua falta não prejudica o entendimento geral do texto.

Aproveito também esta nota para me desculpar, desde já, caso tenha errado na interpretação de alguma palavra dos documentos manuscritos.

Ao arquivo documental do arquitecto Fernando Távora, onde consultei grande parte da documentação, chamarei A.A.F.T.

I CAPÍTULO

1. Percurso de Fernando Távora e ambiente na Escola de Belas Artes do Porto, em 1960.

Fernando Távora é arquitecto pela Escola Superior de Belas Artes do Porto (E.S.B.A.P.), onde defendeu Tese (C.O.D.A.) em 1952, tendo obtido a classificação final de 19 valores.

“Em 1948 foi contratado para desempenhar as funções de Arquitecto na Câmara Municipal do Porto, tendo sido colocado em 1952 e mediante Concurso, no qual foi classificado em 1º lugar, no quadro Municipal. Desde 1950, juntara-se com outros jovens arquitectos, à equipa de Carlos Ramos, como assistente (não remunerado). Em 1956 foi-lhe concedida, a seu pedido, licença ilimitada.” e “Em 1958 pediu a sua demissão de funcionário Municipal para ingressar no quadro da Escola Superior de Belas Artes do Porto...”²³, onde ocupava o lugar de 2º assistente da 14ª Cadeira – 2ª Parte. Além disso era desde 1958 Consultor – Urbanista da Câmara Municipal de Gaia, onde dirigia o respectivo Gabinete de Urbanização. Em paralelo, Távora exercia a sua profissão liberal de arquitecto em escritório próprio, tendo realizado diversos projectos.

Participou em diversos congressos nacionais e internacionais de arquitectura, como os Congressos Nacionais de Arquitectura, diversos Congressos Internacionais de Arquitectura Moderna (CIAM) e da União Internacional Arquitectos.

Em 1960, a Escola de Belas Artes do Porto, onde Távora leccionava, era uma escola que começava a redefinir o seu caminho, ainda que sem uma ideologia estratégica ou definitiva. Tinha progredido de um modelo de ensino *clássico*, de matriz francesa, já pouco aliciante para os alunos dos anos 40 e 50 como Távora, explorado a linguagem funcionalista, discutido e projectado, academicamente, ao *estilo novo* (moderno) e ao estilo tradicional/nacional e, finalmente, experimentado a crise internacional do Movimento Moderno.

Sobre o seu período como estudante da Escola, Távora conta, numa entrevista que deu a alunos da Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra²⁴ que mesmo o arquitecto Rogério de Azevedo dava umas aulas *vulgares*, que um dos seus primeiros livros na escola teria sido o tratado de Vignola “Regras das Cinco Ordens de Arquitectura” e que um dos trabalhos iniciais consistia em copiar, do original, as diferentes ordens.

Lembrou ainda, que o contacto com a arquitectura exterior se fazia viajando, ou pelas escassas revistas e publicações de arquitectura que, durante a década de 30 e 40, vinham, quase exclusivamente de Itália e da Alemanha.

²³ Fig.3 – Fernando Távora, Rascunho do *CURRICULUM-VITAE*, documento manuscrito, A.A.F.T., Porto, 1959.

²⁴ Entrevista realizada por alunos do Departamento de Arquitectura da FCTUC, do 2º ano, da disciplina de Teoria de Arquitectura, leccionada pelo Prof. Mário Krüger e por alunos do último ano no âmbito da prova final, videocassete, Porto, 2002.

Esta realidade gerava alguma insatisfação, que era compensada pela procura de referências externas e, refere Távora, que um dos primeiros livros que comprou foi o “Brazil Builds” que, como se sabe, apresentava, então, uma “ renovada expressão do Moderno”²⁵.

(...)“era uma época em que caminhávamos entre modelos de templos romanos, de Arquitectura italiana e alemã e ainda, por fim, modelos da Arquitectura brasileira e racionalista. O aparecimento de coisas tão diferentes criava no nosso espírito uma desorientação terrível.”²⁶

Sobretudo durante a década de 50, a Escola, impulsionada pelo Arq. Carlos Ramos e a geração de jovens arquitectos e alunos, procurava respostas para os crescentes problemas das cidades e para uma nova linguagem arquitectónica, que funcionasse como alternativa, válida, ao Moderno.

Por parte de alguns professores, fez-se um esforço para que novas disciplinas, mais *científicas*, condicionassem e justificassem o desenho (design), como a sociologia ou a economia.

Na opinião de Jorge Figueira “A perspectiva de um investimento sociológico / urbanístico / antropológico, que aqui se tendia a formar, não *pegou* (...), pelo contrário, (...) a lógica pragmática e empírica subsistirá como vocação referencial na Escola.”

Apesar do possível esforço (interdisciplinar) de alguns professores como Octávio Filgueiras e Arnaldo Araújo, “A abordagem enquadrada pelas ciências humanas permanece como residual sedução que alimenta o quadro neo-realista, a perdurar mais no imaginário do que como efectivo apetrechamento prático para o projecto.”²⁷

Perdeu-se a oportunidade de redireccionar a Escola, mas foi também isso que lhe conferiu especificidade e aquilo que a *fez*. Além disso, a resistência às ideologias do regime desviava as atenções de professores e alunos das questões disciplinares, dos assuntos internos e das novas pedagogias.

Da mesma forma Manuel Mendes refere a ausência de um corpo teórico concreto e orientador que nunca guiou ou justificou a história das Belas Artes e da arquitectura que se fazia no Porto.²⁸

²⁵ Jorge Figueira, *Escola do Porto Um Mapa Crítico*, Coimbra, Edições do Departamento de Arquitectura, FCTUC, 2002 pag.45.

²⁶ Fernando Távora, “Entrevista”, in *Arquitectura, Arquitectura Planeamento Design Artes Plásticas*, nº.123, Lisboa, Edições ICAT, Set-Out, 1971, pag.152.

²⁷ Jorge Figueira, *idem*, pag.51.

²⁸ Manuel Mendes, “Admitamo-lo que por inevitabilidade ou por premência da História; mas a ausência de autêntica e autónoma investigação disciplinar limitou a especulação teórica e a produção de um saber arquitectónico, que não apenas o do estilo, da “tábua rasa”, da deontologia. Na plataforma democrática, a dimensão de luta da *síntese disciplinar* (que não é só *desenho e forma*) sossobrava ao dogmatismo ideológico”, “Os anos 50: Entre a autonomia criativa do “novo” e a crítica ao espaço indiferenciado, ao modelo transferível – Os compromissos realistas do “Estilo Internacional””, in *RA, Revista da FAUP*, ano 1 n.º0, 1987, pag.25.

CURRICULUM - VITAE DO

~~ARQ.~~ ARQ. FERNANDO TÁVORA

173

①

FERNANDO Luiz Augusto de Souza de Távora e TÁVORA nasceu no Porto, a 25 de Agosto de 1923. ~~filho de José Távora e Francisca~~

ARQUITECTO pela Escola Superior de Belas Artes do Porto, onde defendeu Tese em 1952, tendo obtido a classificação final de 19 valores.

Em 1948 foi subleitado para desempenhar a função de Arquitecto na Câmara Municipal do Porto, tendo sido ^{admitido} ~~colocado~~ em 1952 e mediante Concurso, no qual foi classificado em 1.º lugar, ~~no quadro~~ no quadro municipal. Em 1956 foi-lhe concedida, a seu pedido, licença ilimitada. Relativamente ao seu serviço na mesma Câmara foi-lhe atestado que "no desempenho das ~~suas~~ funções e tarefas que lhe têm sido confiadas, tem-se umbeado sempre como um profissional muito competente, entusiasta, culto e brilhante".

Em 1958 pediu a sua demissão de funcionário municipal para regressar ao quadro de Estado Superior de Belas Artes no Porto, onde actualmente ocupa o lugar de 2.º Assistente/da 1.ª Cadeira - 2.ª parte

É desde 1958 Consultor - Urbanista na Câmara Municipal de Gaia, onde dirige o respectivo Gabinete de Urbanização.

No Gabinete de Estudos de Urbanização da Câmara Municipal do Porto efectuou, entre outros, os seguintes trabalhos:

- Anteprojeto de Zona Residencial no Campo Alegre;
- Plano de Unidade Residencial de Ramalde;
- Projecto e Reequipamento do grupo de Casas de Rua e Comércio de Ramalde (85 fogos), ^{elaborado} ~~elaborado~~ pelo fedoracal na Caixa de Residência (em 1958)

fig. 3 Curriculum Vitae, Fernando Távora, 1959, A.A.F.T.

Esta viagem aos EUA não deixa de ser, também, consequência dessa *nova* Escola do Porto, que começava a surgir como reacção aos anteriores métodos de ensino e conteúdos disciplinares, então vazios de sentido.

Note-se que a viagem aos EUA foi feita com o objectivo de estudar os métodos de ensino nas universidades americanas, o que demonstra um interesse claro, na procura de novos caminhos. Além disso sabemos também, que Távora tinha defendido que a “sistematização e racionalização do ensino era indispensável”²⁹.

Nesta viagem Távora fala de uma plataforma de consenso, desejado, entre a excessiva institucionalização/racionalização americana e o atraso e provincianismo portugueses.

Não é ainda, nesta fase do trabalho, possível perceber que consequências tiveram na Escola estas visitas de Távora às universidades americanas. Numa primeira aproximação à questão poderia sugerir que a situação de tensão do país e na própria Escola de Belas Artes, nos anos que se seguiram à viagem, parecem ter ofuscado a importância científica e pedagógica da experiência e do exemplo americanos, apesar de sabermos, pelo diário, que Távora encontrou aí algumas soluções com as quais concordava e que, segundo o próprio, deveriam ser experimentadas em Portugal. “A política submerge a arquitectura. Destruir o estado vigente é mais urgente e vital do que empreender a laboriosa montagem de saberes que leva à edificação – à *arquitectura*.”³⁰

A década de 50 foi uma década de alterações e agitações nas escolas e na actividade dos profissionais da arquitectura. O final da guerra, o congresso de 48, a crescente tensão nos Congressos Internacionais da Arquitectura Moderna, bem como a situação política em Portugal ou a Reforma do ensino de 57, foram alguns dos factores que catalizaram essas mudanças. Surgem deles, entre muitas outras, consequências inequívocas como as posições mais vincadas propondo a revisão da arquitectura Moderna³¹, por parte da revista “Arquitectura”, sobretudo a partir de 1956³², a proposta para o desenvolvimento e discussão de novos conteúdos, pela mão da nova geração, e consolida-se a ideia levar adiante o Inquérito à arquitectura portuguesa.

O Inquérito à arquitectura Popular começado em 1955 e no qual Távora participou como responsável de equipa, abordava o problema da arquitectura nacional, mais pela via da sociologia e da antropologia e menos pela via formalista. No CIAM de Dubrovnik em 1956 “é apresentado um trabalho sobre o *habitat rural*, que tem como base um inquérito realizado por alunos da ESBAP.”³³

Mas a escola não iria traçar caminho pela via científica, ou mais técnica. Paralelamente, as obras de arquitectos do Porto iam marcando uma outra direcção provavelmente como

²⁹ Jorge Figueira, *idem*, pag.31.

³⁰ *Ibidem*, pag.60.

³¹ Ana Tostões, “Depois do Congresso”, in *Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50*, Porto, FAUP Edições, 1997, pag.40.

³² Alexandre Alves Costa, *Dissertação*, Porto, Edições do Curso de Arquitectura da ESBAP, 1982, pag.25.

³³ Jorge Figueira, *idem*, pag.50.

consequência de “pesquisas progressivamente individualizadas na tentativa de construir uma linguagem autónoma”³⁴ e que marcaram ou contaminaram decisivamente a orientação do ensino das Belas Artes.

A obra de Távora vai dando testemunho de um método muito ligado às condicionantes do lugar, e o desenho ganha valor de coisa nova mas, ao mesmo tempo, por interagir com o lugar e dele depender, como proposta enraizada, surge natural e genuíno.

E depois surge, pela *mão* de Siza, o pressuposto que “é suportado pelo entendimento “que o processo de projectação não é analítico e linear (partindo da informação para a forma) e que, pelo contrário, envolve uma proposta de forma desde o primeiro contacto com a realidade em transformação”. Este princípio conduz ao aforismo “a ideia está no sítio”³⁵ e, neste momento *desaparece*, como conceito, a interdisciplinaridade teórica no curso.

Em Portugal, em 1960, o *Urbanismo* como disciplina, não era, ainda, um campo de conhecimento estável ou controlado. Não havendo quem se dedicasse, exclusivamente, a esta temática. Era, ainda, uma preocupação menor no trabalho do arquitecto.

Em 1934 surge a primeira legislação para os “Planos Gerais de Urbanização”, mas na prática, a responsabilidade das propostas, só será entregue a arquitectos portugueses, “dada a sua falta de preparação específica”,³⁶ após a Segunda Grande Guerra. Também no urbanismo são as influências italianas e alemãs que vingam. Em 1938, Piacentini é responsável pelas propostas para o plano para o Porto e De Groer elabora o “Plano Geral de Lisboa”³⁷.

Na década de 40 surgirão os primeiros planos com “protagonistas nacionais (...) formados em Paris”.³⁸

Apenas em 1952 “o Município do Porto passa a dispor de um “*Plano Regulador da Cidade do Porto*”, considerado “*um grande passo para o progresso, ordenação e beleza da cidade*”.”³⁹

No entanto, este plano parece não ter ainda, por trás, a força “de um corpo instrumental”⁴⁰ que permita a sua materialização como resposta urbana estrutural.

A proposta da equipa que participou no CIAM de Drubovnik em 1956, com o “Plano de uma comunidade agrícola com cerca de 40 habitações”⁴¹, foi, pela via do estudo da arquitectura popular, uma primeira proposta (moderna), ensaística, para a organização do espaço colectivo.

Esta dificuldade de lidar com uma disciplina, os seus conteúdos, ou mesmo de a por em prática podem, só por si, ter sido razão suficiente para que Távora sentisse necessidade de viajar para

³⁴ Alexandre Alves Costa, *idem*, pag.7.

³⁵ Jorge Figueira, *idem*, pag.62.

³⁶ Sérgio Fernandez, *Percurso, Arquitectura Portuguesa 1930/1974*, Porto, Edições da FAUP, 1985, pag.21.

³⁷ *Ibidem*, pag.22.

³⁸ *Ibidem*, pag.24.

³⁹ Manuel Mendes, *idem*, pag.27.

⁴⁰ *Ibidem*

⁴¹ *Ibidem*, pag.26.

o estrangeiro com o objectivo de avaliar o resultado das soluções estudadas e experimentadas lá fora.

A preocupação com a cidade e o seu crescimento era, cada vez mais, campo de interesse de arquitectos e começava a ganhar importância no meio, sobretudo a questão da habitação *democrática* /social.

“Genericamente, a conquista da rua pela via analítica e estatística, e a responsabilização do arquitecto às aspirações da população, definem os moldes de actuação escolar até, pelo menos, ao período do SAAL.

O resultado é uma abordagem mais consequente ao problema dos significados da arquitectura e uma mais consistente aproximação ao *político* – pela via, nos anos 60, da sociologia da habitação.”⁴²

Num texto para a revista “Rumo, Revista de problemas Actuais”⁴³, assinado por A. Barbosa de Abreu, nota-se bem essa procura do corpo disciplinar do urbanismo e a preocupação em compreender toda a temática, ainda pouco clara que a envolvia. O autor, no entanto, quando procura referências externas refere o caso dos Estado Unidos, da França, U. R.S.S., mas, sobretudo, da Holanda e de Inglaterra. Um dos primeiros aspectos que refere é a tomada de consciência da importância de outras disciplinas aparentemente periféricas/externas ao desenho da cidade, como a economia e a sociologia. Depois passa a explicar a importância da hierarquização das diferentes escalas de planos – locais regionais e nacionais – e suas interligações e interdependências. Sobre o Caso Holandês e Inglês comenta, de forma breve, a situação da época, medidas tomadas, planos produzidos e instituições criadas. A ideia que fica é que este era, ainda, um tema relativamente novo, em Portugal, quer ao nível da aplicação prática no contexto da cidade, quer nos conteúdos das disciplinas que a estudam.

Num segundo texto para a mesma revista, Barbosa de Abreu expõem o caso Português. De acordo com o autor e como foi referido anteriormente, só a partir de 1934, começou a ser obrigatória, por lei, a elaboração de planos urbanísticos e criada uma divisão de urbanização na DGEMN. Os planos na sua fase inicial eram muito pouco detalhados, eram mais planos de zonamento de distribuição de actividade por zonas que uma concreta intervenção na organização do espaço a nível local regional ou nacional (seguindo as directrizes da Carta de Atenas). Em 1948 a revista “Arquitectura” publica a Carta de Atenas, “documento que abre as portas ao urbanismo dos tempos modernos”⁴⁴.

É referido o II Plano de Fomento, o seu carácter, quase exclusivamente, vocacionado para o crescimento económico.⁴⁵ Este plano era no entanto um estudo muito recente sobre as características da economia entre 1950 e 1958 e fazia, pela análise desses oito anos,

⁴² Jorge Figueira, *idem*, pag.50.

⁴³ A. Barbosa de Abreu, “Planificação Territorial e Planificação Económica”, in *RUMO, Revista de Problemas Actuais*, Ano III, n.º 30, Lisboa, Editorial Aster, Agosto 1959, pag.165-172.

⁴⁴ Sergio Fernandez, *idem*, pag.58.

⁴⁵ A. Barbosa de Abreu, “Aspectos da Planificação em Portugal”, in *RUMO, Revista de Problemas Actuais*, Ano III, n.º 32, Lisboa, Editorial Aster, Outubro 1959, pag.393.

propostas para os anos de 1959 a 1964. Era por isso algo muito novo e actual – ainda em discussão. Embora fosse “lícito sublinhar o carácter secundário das suas implicações territoriais”⁴⁶, este plano era um indicador importante de gestão do espaço territorial nacional. Sugeria novas localizações para o investimento industrial, crescimento dos sistemas de transportes em determinadas zonas, ou reforço da energia eléctrica. Só por si não continha soluções físicas para o crescimento mas consistia num elemento importante para a uma futura planificação territorial mais concreta. Em paralelo desenvolveram-se planos de urbanização para as zonas de Lisboa e Porto e o resto do país deixou-se orientar pelas normativas económicas e pouco operativas do Plano de Fomento. Como diz o autor parecia faltar um organismo intermediário entre o plano de fomento e a Direcção Geral dos Serviços de Urbanização, que cobrisse todo o território.

O próprio Távora, ao relatar uma conversa que teve com o arquitecto W. Garces, a trabalhar na altura para as Nações Unidas, em Nova Iorque, refere também que em Portugal, assim como na América do Sul, o planeamento económico (“o que acontece connosco em relação ao plano de fomento”)⁴⁷, não era acompanhado pelo planeamento físico e territorial, o que na sua opinião consistia num grave erro.

A nível do ensino, sabemos que em 1948 a Escola do Porto lança, pela mão de Carlos Ramos, e pela primeira vez, nas provas de fim de curso, um projecto de urbanismo aberto a propostas Modernas, como é o caso do projecto de Vieira da Costa para Luanda. Do mesmo modo a prova de Nuno Portas “versa o tema do habitat urbano”⁴⁸

A participação de Keil de Amaral e Arménio Losa, no congresso de 48 apontavam, doze anos antes desta viagem, para a necessidade de se reformar o ensino. Por parte do primeiro, no sentido de reformular os sistemas de planeamento e por parte do segundo dizia “deverão ser analisados os novos conceitos de Urbanismo e estudadas as possibilidades da sua aplicação”⁴⁹

Em meados da década de 50, algumas propostas arrojadas foram sendo executadas – seguindo alguns dos os princípios da Carta de Atenas. Na Av. dos Estados Unidos da América em Lisboa, com projecto de Celestino Castro e Hernâni Gandra, serão executados 8 blocos perpendiculares e oblíquos à rua, sobre *pilotis* e com zonas de jardim entre eles.⁵⁰ Em 1949 o plano de expansão de Vila Nova de Gaia, em 1951 o plano para a zona do hospital escolar do Porto⁵¹. Pela mão de Távora, e ao *estilo* racionalista, tinha sido executado em 1952, o Bairro de Ramalde, e em 1959 J. C. Loureiro elabora o plano para a zona do Luso onde explora várias

⁴⁶ *Ibidem*

⁴⁷ Fernando Távora, *Diário 1960, idem*, pag.079a.

⁴⁸ Sergio Fernandez, *idem*, pag.75 e 108.

⁴⁹ *Ibidem*, pag.58.

⁵⁰ *Ibidem*, pag.86.

⁵¹ *Ibidem*, pag.102.

tipologias, qualificação do espaço exterior, “implantação sinuosa de alguns desses volumes”...”plantas de traçado irregular”... que “distanciam esta experiência da pura adopção dos esquemas da Carta de Atenas”.⁵²

Em 1960 um artigo de Nuno Portas e Bartolomeu Costa Cabral dava conta da execução do Plano da Pasteleira como “proposta de organização urbana em moldes actuais”⁵³.

Em Portugal tinham-se executado algumas propostas baseados nos postulados da Carta de Atenas, ao longo dos anos 60 começaram-se a explorar propostas que, como as Inglesas ou Holandesas mais cedo, tinham procurando critérios mais autênticos, realistas e verdadeiros (corrente brutalista) e se iam afastando das propostas funcionalistas do Moderno.

Este período de profunda transformação nas escolas, marcado também pela reforma de 57, no ensino da disciplina do urbanismo e de experimentação de novas soluções para a prática são razão suficiente para que Távora desejasse, encontrar respostas. Na escola temia-se que “o ensino parcelado e exterior ao aluno fosse “aumentar o abismo entre a arte e a técnica. A aprendizagem no campo técnico e científico só ganha sentido quando relacionado com uma actividade que absorva esses ensinamentos.”⁵⁴ Nas cidades, a confusão era muita, iam-se ensaiando propostas e experimentando os seus resultados *sem rede*, ou seja, sem grande fundamento teórico.

Como revela a documentação em arquivo, outros arquitectos tinham já viajado para o estrangeiro e haveria a vontade de enviar, nomeadamente para o Japão, arquitectos da nova geração para que pudessem estudar e trazer informação importante para Portugal.

Uma das virtudes das revistas de arquitectura era a ponte que estabeleciam entre Portugal e o exterior. A viagem tinha também essa função.

A carta de Carlos Ramos para a fundação Calouste Gulbenkian⁵⁵ com uma lista de arquitectos que pretendiam ir para o estrangeiro, é prova dessa ânsia de informação que o país sentia e que, nesta área, se reflectia na procura de saber e no encontrar as respostas concretas para os problemas do ensino da arquitectura, por um lado, e das propostas para o construído, por outro.

A *função* do jovem arquitecto Fernando Távora era, exactamente, partir para as Universidades Americanas, à procura de respostas para todas estas dúvidas, quer na formação do arquitecto e do urbanista quer na concretização prática destas duas disciplinas.

⁵² *Ibidem*, pag.148.

⁵³ Nuno Portas, Bartolomeu Costa Cabral, “O Novo Conjunto Habitacional da Pasteleira”, in *Revista Arquitectura*, nº69, Lisboa, 1960, pag.32.

⁵⁴ Alexandre Alves Costa, *idem*, pag.46.

⁵⁵ Fig.4 – Carta do Arq. Carlos Ramos para o Serviço de Belas Artes da F.C.G., 09/01/1960, Arquivo da F.C.G.

CARLOS RAMOS
ARQUITECTO

Lisboa, 9 de Janeiro de 1960

A Ex.ma Senhora
D. Maria José de Mendonça
Dig.ma Directora do
SERVIÇO DE BELAS-ARTES DA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

L I S B O A

Ex.ma Senhora:

Em resposta ao que me é solicitado em seu officio nº. 1239/BAM/59, de 17 de Dezembro último, só hoje, depois de devidamente documentado sobre a matéria da consulta, posso responder a V.Ex.ª. Antes de mais nada cumpre-me informar que muito antes do architecto Fernando Távora ter requerido a bolsa, que por esse Dig.ma Fundação lhe foi concedida, para proceder ao estudo dos métodos de ensino de Architectura e Urbanismo em vários Institutos e Universidades dos Estados Unidos, era já propósito de um grupo de architectos portugueses dirigir-se ao Dig.º Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian esclarecendo acerca do interesse excepcional de que se reveste a "WORLD DESIGN CONFERENCE IN JAPAN", no próximo mês de Maio, e pedindo um subsídio para a sua deslocação e participação naqueles trabalhos.

O número de interessados, até ao presente, não excede a meia dúzia e entre eles, eram candidatos os architectos Alfredo Viana de Lima, que tomara o comando das operações e diligências a realizar para o efeito, Fernando Távora, eu próprio e Augusto Amaral, todos do Porto.

É na realidade impressionante o modo como a architectura japonesa contemporânea se tem firmado e imposto a todo o mundo de hoje, a ponto de serem atribuídos aos architectos japoneses os prémios de maior significado e relevo nas competições internacionais que têm tido lugar nos anos mais recentes.

Haja em vista o prémio Pan-Pacífico de Architectura, criado pelo Instituto dos Architectos Americanos, ganho no ano de 1958 por Kenzo Taniguchi, Professor de Architectura na Universidade de Tóquio e um dos organi-

CARLOS RAMOS
ARQUITECTO

zadores daquela próxima Conferência.

O Tema central das reuniões, de que V.Exã tem um programa detalhado,

"QUAL A CONTRIBUIÇÃO QUE OS ARQUITECTOS PODEM DAR PARA
O AMBIENTE HUMANO DO MUNDO DE AMANHÃ"

toca, na verdade todo o teclado da mais conveniente e actual formação dos profissionais da arquitectura, sendo inútil referir o interesse inextinguível das discussões a que dará lugar.

Para que V.Exã possa fazer uma ideia do panorama architectural de momento, no Japão, junto, a título devolutivo - pois não me foi possível conseguir outros exemplares dessa documentação - três separatas de algumas publicações que ali se editam.

Qualquer delas dá bem a medida do nível que, no Japão, atingiu e rodeia a formação das novas elites.

E com estas considerações suponho ter dado também toda a medida do interesse da participação ou presença portuguesa na "WORLD DESIGN CONFERENCE", de Maio próximo, que, ao contrário do que poderia deduzir-se através de uma tradução à letra, abrange precisamente os capítulos mais profundos e obscuros de todo um sistema de concepção architectural, e não o da sua singela representação gráfica, que perdeu todo o seu enganador significado.

Se outros architectos portugueses não puderem deslocar-se ao Japão por essa altura, fica a tarefa em muito boas mãos, confiada ao architecto Fernando Távora.

Queira Vossa Excelência aceitar os meus mais respeitosos cumprimentos.

Carlos Ramos

fig. 4 Carta do Arq. Carlos Ramos para o Serviço de Belas Artes da F.C.G., 09/01/1960, Arquivo F.C.G.

Esta *missão* parece-me, no entanto, paradoxal quando sabemos que a escola parecia caminhar numa direcção divergente onde só o exercício – a prática, permitia “elevar o nível da sua qualidade”. (...) Por outro lado a escola construiu-se também como consequência da “persistência, de esforço constante por acertar, de procura duma exacta relação entre a Obra e a Vida.”⁵⁶

Talvez tenha sido essa convicção na necessidade de uma procura persistente de respostas, pela experiência, combinada com a insatisfação com a situação Portuguesa, que se revelou como incentivo, fundamental, para a Viagem.

⁵⁶ Fernando Távora, “O Porto e a Arquitectura Moderna”, in Revista *Panorama*, n.º 4, Lisboa, 1952.

2. A oportunidade da Viagem - Fundação Calouste Gulbenkian, a Bolsa e o Diário

No dia 19 de Março de 1959 a Fundação Calouste Gulbenkian publica, no “Primeiro de Janeiro, o anúncio para atribuição de “Bolsas De Estudo – Ensinos Secundário, Técnico Superior: Ciências, Letras E Artes”⁵⁷ Távora terá tomado conhecimento da Bolsa através desse anúncio no jornal.

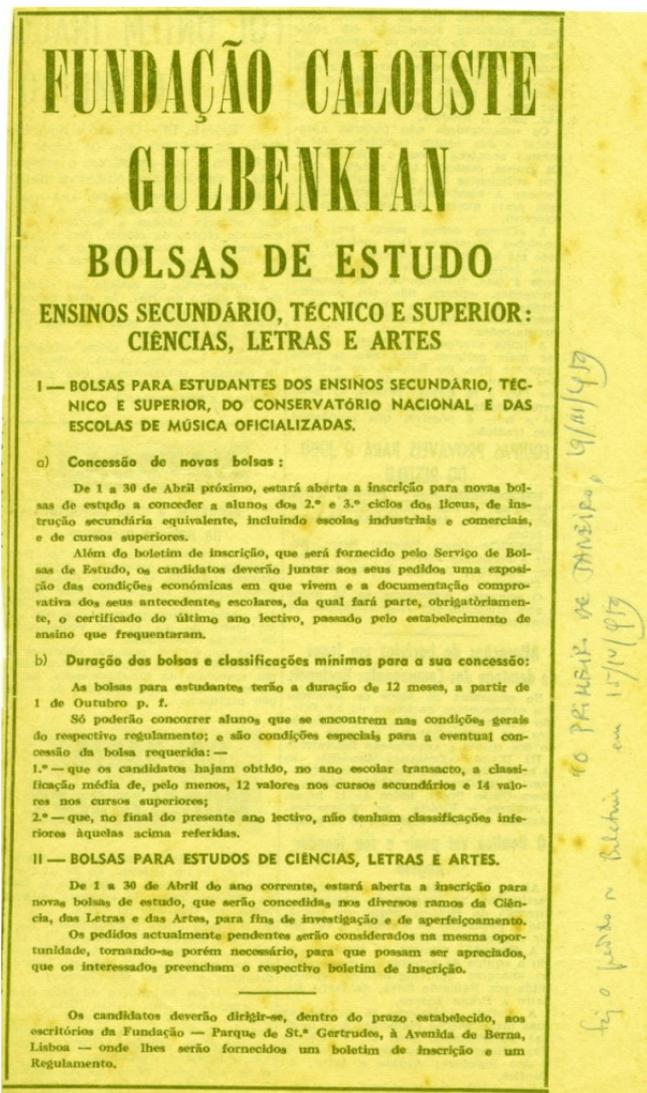
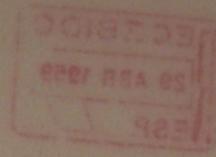


fig. 5 “O primeiro de Janeiro 19/03/1959”, A.A.F.T.

Faz o pedido de Bolsa a 27 de Abril de 1959, tendo como objectivo o “Estudo dos Métodos do ensino de Arquitectura e Urbanismo nas Universidades e Instituições”⁵⁸ americanas.

⁵⁷ Fig.5 – “O primeiro de Janeiro” 19/03/1959, Recorte de Jornal, A.A.F.T.

⁵⁸ Fig.6 – “Boletim de Inscrição”, 27/04/1959, Arquivo Fundação Calouste Gulbenkian (F.C.G.)



BOLSAS DE ESTUDO NO ESTRANGEIRO
BOLETIM DE INSCRIÇÃO

Nome completo Fernando Luiz Cardozo de Menezes de Tavares e Távora
Filiação José Ferrão de Tavares e Távora e Maria José Lobo de Sousa
Machado Cardozo de Menezes
Data de nascimento 25 de Agosto de 1923
Naturalidade Freguesia de Santo Indefonso - Concelho e Distrito do
Porto
Estado Casado
Número de filhos um
Profissão Arquitecto (E.S.B.A.P.)
Actividades que exerce 2º Assistente da Escola Superior de Belas Artes do
Porto; Consultor-Urbanista da Câmara Municipal de Gaia; exercício
da profissão liberal
Bilhete de Identidade n.º 807717 do Arquivo de Identificação de Porto
datado de 20/2/1958
Morada R. Senhora da Luz, 449-Foz-Porto Telefone Porto-681936
Que línguas fala? Francês e Inglês
Em que país pretende estagiar? Estados Unidos da América
Que curso tenciona seguir ou em que estabelecimento científico tenciona trabalhar? Departamen-
tos de Arquitectura de várias Universidades e Institutos
Quem desejaria ter por orientador de estudos? Os professores dos respectivos De
partamentos
Estabeleceu já algum contacto com as entidades que indica? NÃO
Certificou-se já de que será aceite no estabelecimento científico que indica e/ou pelo orientador
de estudos que escolheu? NÃO

fig. 6 "Boletim de Inscrição", 27/04/1959, A.A.F.T.



Qual o programa de estudos ou plano de trabalhos que pretende seguir? Estudo dos Métodos de Ensino de Arquitectura e Urbanismo nas Universidades e Institutos seguintes: Columbia University, Howard University, Harvard University, Massachusetts Institute of Technology, University of Pennsylvania, Illinois Institute of Technology, Institute of Design
Por quanto tempo deseja a bolsa? Quatro meses

Qual é o quantitativo aproximado das despesas obrigatórias (propinas, seguros de saúde, etc.) que terá de fazer no estabelecimento científico para onde deseja ir estagiar? Ignoro

Quando desejaria iniciar a utilização da bolsa? A combinar após a concessão
Tenciona fazer-se acompanhar por sua mulher e filhos? Por minha mulher
Quais são os seus projectos de trabalho ao terminar a bolsa? Ensino e exercício da profissão liberal

Referências (que possam habilitar a fazer um juízo acerca da idoneidade científica e moral do candidato):

Escola Superior de Belas Artes do Porto, Direcção Geral dos Serviços de Urbanização, Câmaras Municipais do Porto, Matozinhos e Gaia, Administração dos Portos do Douro e de Leixões

Para a eventualidade de me ser concedida a bolsa de estudo que solicito e para a qual me inscrevo, declaro que tomei conhecimento do respectivo regulamento e que me comprometo a cumprir as obrigações constantes do mesmo.

Porto, 27 de Abril de 1959.

Ass.)

Fernando Augusto Rodrigues

Em 17 de Setembro do mesmo ano,⁵⁹ a Gulbenkian concede uma Bolsa de estudos nos Estados Unidos da América do Norte, pelo período de quatro meses, ao jovem arquitecto Fernando Távora. Esta atribuição terá sido fundamentada pelo parecer do Arq. Carlos Ramos que dizia “ Dentre todas, seja-me permitido pôr à cabeça a pretensão do Arquitecto Fernando Távora, profissional de superior e raro nível, desde sempre solicitado para o sector do ensino onde desempenha na Escola Superior de Belas Artes do Porto, com as provas mais relevantes, funções de assistente há cerca de 10 anos, dos quais oito na situação de voluntário não remunerado, e, só há dois anos, no quadro recentemente criado.

Com manifestas aptidões para o ensino, torna-se forçoso o apuramento de virtudes e sacerdócio tão pouco frequentes entre nós, e constitui, quanto a mim, o problema nº1 o mais sólido esclarecimento dos responsáveis pela formação dos nossos futuros profissionais.”⁶⁰

Em 18 de Novembro, Távora solicita ao Instituto da Alta Cultura a equiparação a bolseiro, pelo período de cinco meses e meio tendo em vista, incluir na sua viagem a deslocação ao Japão por ter recebido, entretanto, um convite, “como membro dos CIAM (Congressos Internacionais de Arquitectura Moderna), para participar na World Design Conference (WoDeCo)”⁶¹ que se iria realizar em Tokyo de 11 a 16 de Maio de 1960 – conferência essa que gostaria de poder incluir no programa de viagem da Bolsa de investigação.

A 26 de Novembro de 1959, Távora faz um pedido no mesmo sentido à Fundação Calouste Gulbenkian.

Com o objectivo de fundamentar esta deslocação foram entregues à fundação documentos referentes ao programa do Congresso e uma carta do arquitecto Carlos Ramos. Mais uma vez Ramos manifestou-se, realçando a importância desta experiência para o arquitecto Fernando Távora e, como sublinhou, para Portugal. Aparentemente a ideia inicial seria enviar ao Japão uma delegação portuguesa bem mais numerosa (cerca de seis elementos) entre os quais estariam os arquitectos Viana de Lima, Augusto Amaral, e o próprio Carlos Ramos. Este propósito, justificou-o Carlos Ramos, pela importância da Conferência (WoDeCo) e pelo crescente valor da arquitectura japonesa contemporânea.⁶²

Carlos Ramos chega mesmo a referenciar a obra do arquitecto Kenzo Tange, incluindo informação escrita e ilustrada sobre o arquitecto japonês.

⁵⁹ “Temos o prazer de comunicar que o conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian deliberou conceder a V. Exa. uma bolsa de estudo no estrangeiro...Comunicamos a V. Exa. que o serviço de Belas-Artes está muito interessado num relatório circunstanciado da sua viagem e possivelmente na realização de uma ou mais conferências sobre o assunto.”, Carta da F.C.G. para Távora, 17/09/1959, A.A.F.T.

⁶⁰ “APONTAMENTO”, Carta interna da F.C.G. para a aprovação da Bolsa, 17/08/1959, Arquivo F.C.G.

⁶¹ Fernando Távora, Carta de Távora para o Conselho de Administração da F.C.G., 26/11/1959, A.A.F.T.

⁶² Carlos Ramos, Carta do Arq. Carlos Ramos para o Serviço de Belas Artes da F.C.G., 09/01/1960, Arquivo da F.C.G.

APONTAMENTO

SERVIÇO DE BELAS-ARTES

Lisboa, 13 de Janeiro de 1960

Em Agosto de 1959, foi concedida ao Senhor Arq. Fernando Távora, 2º Assistente da Escola Superior de Belas-Artes do Porto, uma bolsa pelo período de 4 meses, para proceder ao estudo dos métodos de ensino de Arquitectura e Urbanismo em vários Institutos e Universidades dos Estados Unidos.

Posteriormente, dirigiu-se o mesmo Senhor à Fundação, comunicando que entretanto fora convidado, como membro dos Congressos Internacionais de Arquitectura Moderna, a participar na "World Design Conference", que se realizará em Tóquio de 11 a 16 de Maio de 1960.

Para poder tomar parte no referido Congresso, solicita o Arq. Fernando Távora que a Fundação lhe conceda um subsídio complementar que cubra a diferença entre o custo da viagem Lisboa/Nova York/S. Francisco/Tóquio/Lisboa e a importância já atribuída para as despesas da viagem Lisboa/Nova York/Lisboa.

Cumpre-nos informar que o referido pedido foi condignamente documentado com o programa do Congresso e que o Serviço de Belas-Artes solicitou o parecer do Senhor Prof. Arq. Carlos Ramos sobre o assunto.

PARECER - Nada temos a acrescentar à informação prestada pelo Senhor Arq. Carlos Ramos no que se refere ao interesse excepcional de que se reveste a "World Design Conference" e às vantagens que adviriam do facto de Portugal se fazer representar no mesmo Congresso.

APONTAMENTO

Embora seja para desejar que aos architectos mencionados na exposição do Senhor Prof. Carlos Ramos fossem concedidos os meios de se deslocarem a Tóquio, no que respeita o Arq. Fernando Távora a atribuição do subsídio necessário para esse fim torna-se menos oneroso para a Fundação, por consistir apenas na diferença entre o custo das viagens Lisboa/Nova York/S. Francisco/Tóquio/Lisboa e Lisboa/Nova York/Lisboa.

Essa diferença corresponde a Esc. 25.135\$50 (vinte e cinco mil cento e trinta e cinco escudos e cinquenta centavos), tendo a respectiva despesa cabimento na verba atribuída para bolsas de estudo no ano de 1960.

Na eventualidade de se atender este último pedido do Arq. Fernando Távora, o quantitativo da bolsa concedida será de Esc. 82.985\$50 (Esc. 57.850\$00 já atribuídos para a bolsa nos Estados Unidos + Esc. 25.135\$50 do acréscimo das despesas de viagem, com a deslocação a Tóquio).

SERVIÇO DE BELAS-ARTES

(MARIA JOSE DE MENDONÇA)

DESPACHO :

Com a bolsa complementada por fora, foi comido o maior número de um livro catálogos da Távora se deslocar ao Japão, eja professor no domínio do architecture

fig. 7 Carta da F.C.G. para Távora, 15/01/1960, A.F.C.G.

Em 13 de Janeiro de 1960⁶³, Távora recebe finalmente a confirmação definitiva da concessão da Bolsa nos seus moldes finais, que lhe permitirá, literalmente, dar a volta ao mundo.

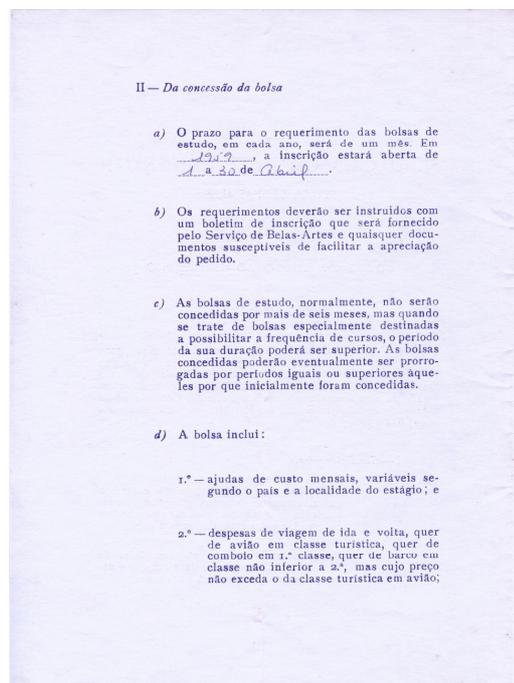
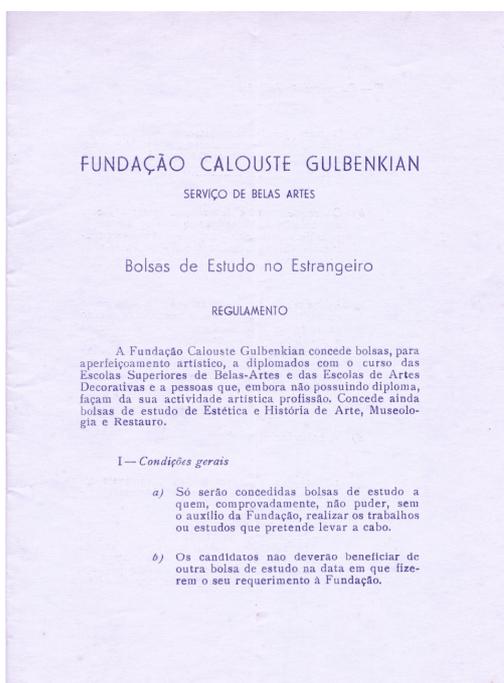
⁶³ Fig.7 – Carta da F.C.G. para Távora, 13/01/1960, A.A.F.T.

Esta era a primeira vez que a Fundação Calouste Gulbenkian atribuía uma bolsa de estudos, com estes moldes, nos Estado Unidos da América. Por essa razão o valor da bolsa teve que ser acordado e negociado em função das necessidades de estadia e deslocações e foi calculado com a ajuda de Távora. No final, já com a deslocação ao Japão incluída, a Fundação atribuiu a Távora uma Bolsa no valor de 82.985\$50⁶⁴, que era uma quantia bastante avultada para a época.

Entre os documentos que entregou para a sua candidatura à Bolsa constavam, entre outros, o Boletim de Inscrição⁶⁵ e o Curriculum Vitae⁶⁶. Estes dois elementos, permitem perceber qual a situação profissional em que se encontrava o arquitecto em 1960 e também, qual terá sido o projecto inicial de Távora para esta viagem.

A Fundação Calouste Gulbenkian teve um papel fundamental por ter viabilizado o dinheiro necessário, mas também, por ter imposto algumas condições⁶⁷ quanto ao rigor da estruturação da viagem.

Tanto a Fundação Calouste Gulbenkian como o Instituto da Alta Cultura são bastante claros e exigentes quanto ao cumprimento do programa estabelecido e quanto à elaboração de relatórios periódicos e finais sobre a viagem. Talvez tenha sido esta obrigação e o exigido rigor da investigação, que tenha levado Távora a optar por escrever um Diário de Viagem extremamente completo.



⁶⁴ “Ordem de Pagamento nº.32”, 20/01/1960, Arquivo F.C.G.

⁶⁵ “Boletim de Inscrição”, A.A.F.T.

⁶⁶ “CURRICULUM-VITAE DO ARQ. FERNANDO TÁVORA”, Documento manuscrito, A.A.F.T. e Documento dactilografado, Arquivo da F.C.G., Abril de 1959.

⁶⁷ Fig. 8 – “Bolsas de Estudo no Estrangeiro, Regulamento” – A.A.F.T.

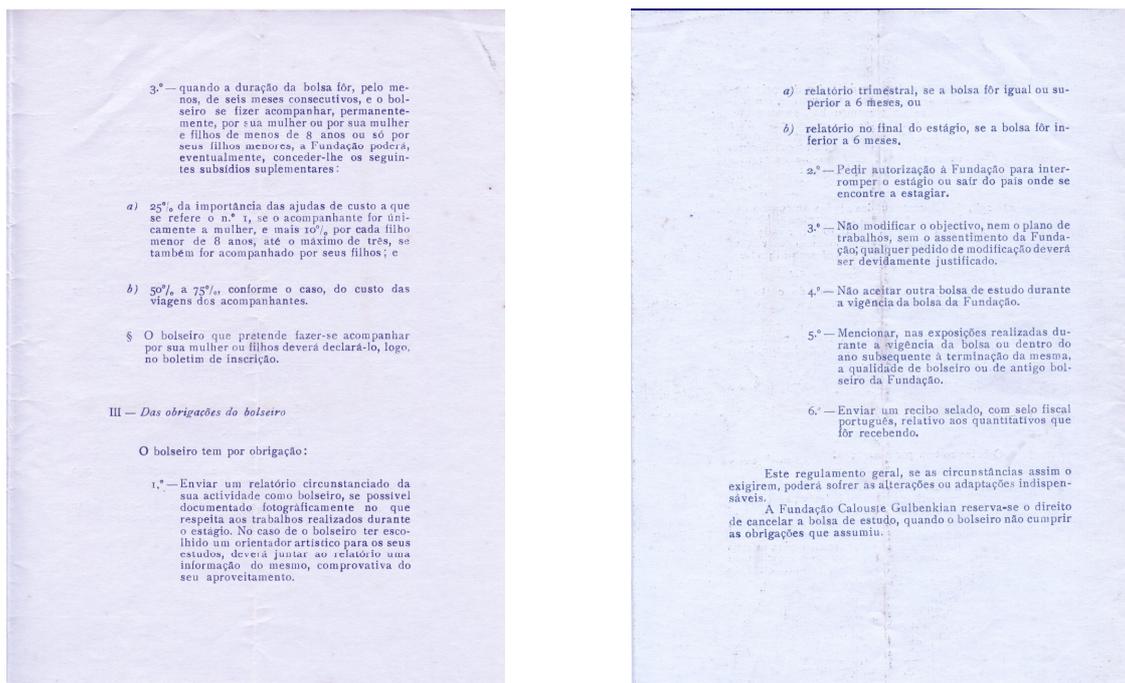


fig. 8 “Bolsas de Estudo no Estrangeiro, Regulamento”, A.A.F.T.

Távora escreve diariamente todas as informações que julga importantes ou remete para outros elementos, como os desenhos, os mapas, as fotografias ou publicações que adquire ou das quais aponta a bibliografia. Compra, para o efeito uma máquina fotográfica “Contina Matic”⁶⁸, com ela tira cerca de 20 rolos de diapositivos, faz desenhos com anotações mais ou menos pormenorizadas, compra livros⁶⁹ e publicações e adquire informação vária sobre as cidades, edifícios, museus, universidades e instituições que visita – postais, mapas, brochuras, guias, etc.



fig. 9 “Instruções de Uso” da Máquina Fotográfica, A.A.F.T.

⁶⁸ Fig.9 – “Instruções de Uso” da Máquina Fotográfica, A.A.F.T.

⁶⁹ Fernando Távora, “... além de gastar dinheiro, gasto um tempo precioso e sofro imenso para seleccionar os livros de acordo com as minhas possibilidades e com o seu provável interesse, mas é necessário levar alguns para iluminar os nossos espíritos portugueses que estão demasiado às escuras...”, *Diário 1960*, *idem*, pag.177a.

A opção de escrever um Diário de Viagem neste formato, parece, pois, ter sido uma opção claramente prática, sem pretensões mais ou menos poéticas, e distante da ideia romântica do Grand Tour dos sécs. XVII e XVIII. Aliás, Távora nunca refere outros arquitectos no contexto dos diários de viagem embora se possam estabelecer comparações a vários níveis, como é o caso de Le Corbusier sobretudo se compararmos o registo em texto (revelação da verdade – descrição de Taliesin) e nas fotografias (pirâmides no México - volumetria, e contrastes de luz e sombras); ou com Viollet-le-Duc, no rigor de alguns desenhos (desenho de templos no Japão).

No número 68 da revista Lotus International, dedicado exclusivamente às viagens de arquitectos, é possível compreender as diferentes formas de encarar e registar uma viagem. Sobre os cadernos de viagem ao Oriente de Le Corbusier, o autor Giuliano Gresleri, conclui que o viajante preparou a sua viagem direccionando-a para o passado, um passado “real e metafórico”⁷⁰. A viagem de Távora começa por ser absolutamente virada para o presente, para a realidade americana, no ensino e prática da arquitectura e urbanismo, e para o design, analisado do ponto de vista actual pelos mais conceituados profissionais da época. Era também uma viagem direccionada para o futuro, porque se pretendia, pela experiência, analisar a informação adquirida, que pudesse, conseqüentemente, ser assimilada no contexto português, como os conteúdos e métodos de ensino da arquitectura. Mas, paradoxalmente, a pouco e pouco, sente-se que Távora se vai interessando e envolvendo, cada vez mais, com o passado e no final da viagem e do Diário quase esquecemos que o propósito era a contemporaneidade.

É inevitável que, a certa altura, a análise das viagens de um arquitecto se direcione para as conseqüências na sua actividade profissional enquanto arquitecto, pois esse é, naturalmente, o motivo principal destas análises. Em alguns casos essa relação é mais imediata, como parece ser o caso de Asplund e noutras, mais diluída, como considero que seja o caso de Távora, Kahn, ou Le Corbusier. No texto sobre os desenhos de viagem de Kahn, Vincent Scully⁷¹ refere mesmo que estes documentos têm um forte carácter pictórico e artístico e um valor autónomo, e poucas vezes podem ser relacionados com a obra do arquitecto.

No caso de Asplund, a associação é mais imediata uma vez que, à época, as formas arquitectónicas se aproximavam, (por revivalismo), das da linguagem clássica. Um dos casos mais evidentes da aplicação de referências adquiridas é a “via della croce” do cemitério de Estocolmo que, como refere Orтели, reproduz “a ideia e a imagem de uma necrópole pagã como a via do sepulcro admirada ao pé do Vesúvio: fragmentos clássicos que povoam, como num sonho, a floresta nórdica”.⁷²

Este esforço de relação é, quase sempre, possível. Sobre a obra de Távora poderia ser dito que o pavilhão de Ténis contém elementos da arquitectura Portuguesa mas também, *sugere a*

⁷⁰ Giuliano Gresleri, “Dal diário al progetto”, in *Lotus International* n.68, Electa, Marzo, 1991 pag.13.

⁷¹ Vincent Scully, “Fonti meravigliose”, in *Lotus International* n.68, Electa, Marzo, 1991 pag.49.

⁷² Luca Orтели, Tradução livre do texto italiano “Verso il Sud”, in *Lotus International* n.68, Electa, Marzo, 1991 pag.27.

influência da arquitectura Japonesa, que o plano para a Quinta da Conceição contém em si a mesma lógica de relações que Távora identifica e valoriza nos jardins de um templo em Kyoto⁷³, no meticuloso trabalho de junção...do construído e do natural. Na recuperação da casa da rua Nova em Guimarães, deixando à vista, de forma seleccionada, a estrutura arqueológica de uma das paredes, parece estar, conscientemente a usar um motivo japonês, uma vez que aí muitas janelas eram feitas como negativos das paredes, deixando a argamassa a limitar o contorno do vão que era fechado por um engradado desenhado de madeira e bambu. Alguns anos mais tarde, no convento de Santa Marinha da Costa, Távora repete este motivo. Talvez estas sejam, para Távora, janelas para o passado...⁷⁴

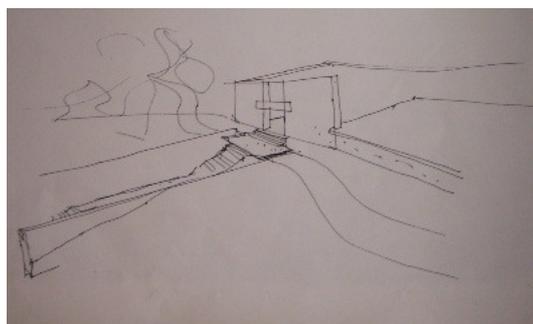


fig. 10 Slide, percurso no jardim de Katsura, A.A.F.T.

fig. 11 Esquízo dos muros do pátio de entrada da Quinta da Conceição, DPA 14 Távora, 1998.

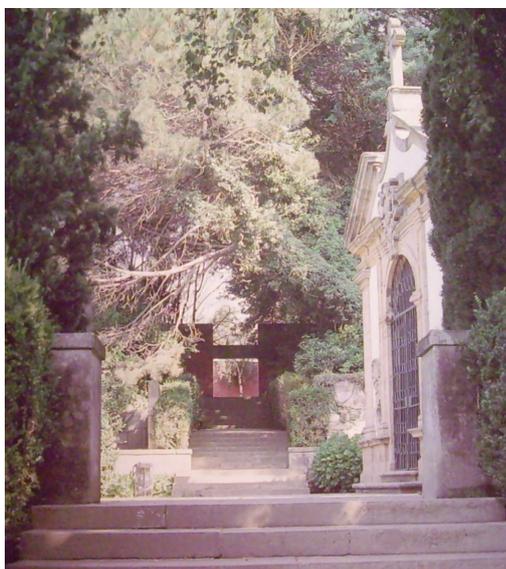
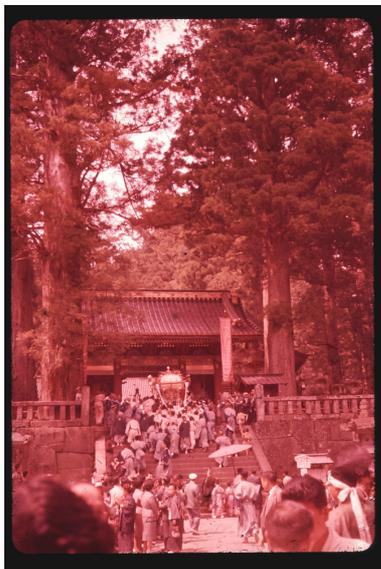


fig. 12 Slide, escadaria e Gate de um Shrine, A.A.F.T.

fig. 13 Escadaria e muros do pátio de entrada da Quinta da Conceição

⁷³Fig.10 – Slide de Katsura, Kyoto, A.A.F.T.

Fig.11 – Esquízo da Quinta da Conceição in , Revista del Departament de Projectes Arquitectònics de la Universitat Politècnica de Catalunya, DPA-UPC, Barcelona, 1998, pag.25.

Fig.12 – Slide de um Shrine, Nikko, A.A.F.T.

Fig.13 – Fotografia da Quinta da Conceição in, *Fernando Távora*, Lisboa, Editorial Blau, 1993.

⁷⁴ Fig.14 –Heinrich Engel, *The Japanese House, A Tradition For Contemporary Architecture*, Charles E. Tuttle Company, Rutland, Vermont and Tokyo, Japan, 1964, pag.473.

Fig.15 - Antonio Esposito, Giovanni Leoni, *FERNANDO TAVORA, opera completa*, Milano, Mondadori Electa, 2005, pag.211.

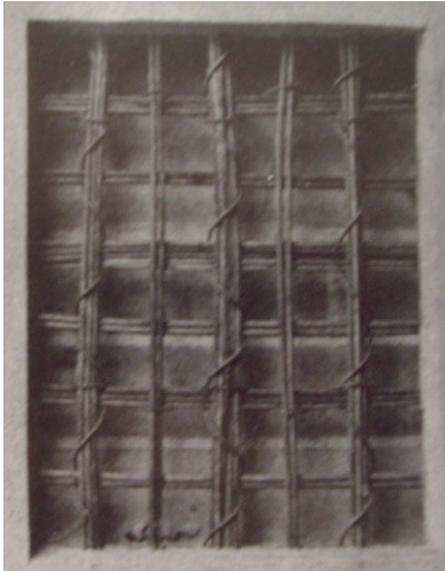


fig. 14 Vão *tipo* de uma construção tradicional japonesa, The Japanese House, 1964.

fig. 15 Pormenor da parede, de uma casa em Guimarães após projecto, de restauro, de Fernando Távora, Fernando Távora, opera completa, 2005.

Na maior parte dos casos é possível apontar algumas relações entre a viagem e a produção arquitectónica. No entanto, para se compreenderem e clarificarem as relações entre esta e outras viagens de Távora e a sua obra, seria obrigatória uma análise de todo o seu percurso projectual. Esta é uma tarefa muito complexa, que não é motivo desta investigação, mas que poderá ser a evolução natural deste trabalho.

Este estudo poderá também evoluir para a análise e comparação sistemáticas das diversas viagens de Fernando Távora no sentido de tentar perceber que transformação é possível verificar nos métodos de observação e de registo, quais os diferentes motivos (agenda) o levaram a iniciar estas jornadas e finalmente como foi assimilando e reflectindo toda essa experiência.

O Diário de Távora é um texto que nos transporta e nos coloca na década de sessenta, onde estão inscritas não só as novas realidades contempladas, mas também, por comparação, a realidade portuguesa conhecida.

Távora não se interessa exclusivamente pela arquitectura, o impacto da cultura americana e japonesa, para o bem e para o mal, estão bem descritos neste texto. Os modos de vida, as relações humanas, a situação económica e social e finalmente as questões urbanas, e da arquitectura, mas também as mais pessoais, sentem-se nestas cerca de 400 páginas.

3. Destinos e Itinerários

Porque terá Távora escolhido estes destinos e não outros? O Mediterrâneo vinha sendo o itinerário de referência de todas as viagens de arquitectos. No caso, Asplund, Kahn, Le Corbusier, Aalto, ou Krier, são as viagens a Itália, Grécia, etc. que aparecem como as mais determinantes e de maior influência pessoal e profissional.

Existia por detrás destas viagens uma motivação histórica forte; o percurso pelo Mediterrâneo representava o encontro com as origens da arquitectura clássica.

O que terá marcado a escolha por este *novo* destino foi exactamente o desígnio desta viagem. Esta não parecia ser, pelo menos na altura da candidatura à bolsa, uma viagem, de lazer ou com exclusivo interesse pessoal. Nesse ano de 1960, Távora iria leccionar o curso de “Organização do Espaço” para o qual se tinha candidatado e a escola de Belas Artes pensava abrir um curso de planeamento urbano. Távora tinha objectivos *científicos* concretos e pretendia, trazer informação importante ou talvez mesmo respostas claras para o sistema de ensino da arquitectura e urbanismo em Portugal.

Sabe-se, ainda que, sobretudo, depois do final da segunda grande guerra, novos destinos se abriram aos viajantes. A exploração para lá do Atlântico e do Pacífico era agora mais fácil, permitindo, por exemplo, o acesso ao continente Americano, ou ao Japão.

Segundo Paul Kruntorad⁷⁵, este facto, possibilitou a aproximação do viajante não só às mais recentes obras dum mundo em claro progresso, mas também, às mais antigas construções da antiguidade, como as pirâmides de Macchu Picchu. No caso de Távora, os opostos seriam de um lado os Estados Unidos da América (EUA) e por outro lado lugares como Teotihuacan no México ou a um templo Japonês de Kyoto. Para alguns arquitectos começava a ser também usual incursões aos países nórdicos, sobretudo com o objectivo de visitar as obras de arquitectos como Alvar Aalto.

A razão da escolha dos Estados Unidos deve-se portanto à vertente científica desta viagem. A escolha de um continente que não o Europeu era compreensível se se procurasse um ensino diferente, que se distanciasse da história das escolas de arquitectura já conhecidas. Se a esse facto acrescentarmos a diversidade de escolas americanas que Távora teria oportunidade de visitar a escolha seria então mais óbvia.

Quanto ao Japão, sabemos já, que foi o convite para a participação na World Design Conference (WoDeCo), que o colocou no itinerário de Távora naquele ano.

A inclusão do México, do Líbano, do Egipto e da Grécia, foram uma forma inteligente de Távora aproveitar esta oportunidade para conhecer lugares onde ainda não tinha estado mas, e como

⁷⁵ Paul Kruntorad, “L’orizzonte ampliato, Viaggio in Italia come paradigma”, in *Lotus International* n.68, Electa, Marzo, 1991, pag.123.

será possível verificar ao longo deste trabalho, se foram transformando nos momentos mais marcantes e reveladores do tour e, aos quais, Távora se referiria mais tarde, com mais frequência.

A curiosidade desta viagem estará talvez nestas suas duas maiores vertentes – a profissional/científica e a pessoal/empírica – mas que, a meu ver, terão marcado igualmente o percurso de Távora.



fig. 16 planisfério com indicação sumária do itinerário da viagem

O Itinerário Real dos quatro meses de viagem entre 13 de Fevereiro de 1960, sábado em que parte de Lisboa, a 12 de Junho de 1960 é o que agora se apresenta:

- 13 de Fevereiro – Partida do aeroporto de Lisboa com destino a Washington (avião)
- 13 a 21 de Fevereiro – Washington
- 21 de Fevereiro – Viagem de Washington para Filadélfia (bus)
- 22 a 28 de Fevereiro – Filadélfia (School of Fine Arts, University of Pennsylvania)
- 28 de Fevereiro – Viagem de Filadélfia para Nova Iorque (bus)
- 29 de Fevereiro a 11 de Março – Nova Iorque (Columbia University)
- 12 a 13 de Março – Hamdem (fim de semana com o amigo Cristiano Rendeiro) (carro)
- 14 a 18 de Março – New Haven (School of Art and Architecture, University of Yale) (carro)
- 19 a 20 de Março – Hamdem (fim de semana com o amigo Cristiano Rendeiro)
- 20 de Março – Viagem de Hamdem para Boston (bus)

- 21 a 25 de Março – Boston/Cambridge (Graduate School of Design, Harvard University)
- 26 a 27 de Março – Boston (fim de semana com Eduard Sekler – amigo da reunião de Otterlö)
- 28 de Março a 2 de Abril – Boston/Cambridge (MIT, Cambridge University)
- 3 de Abril – Viagem de Boston para Detroit (avião)
- 4 a 6 de Abril – Detroit (Ford, GM)
- 6 de Abril – Viagem de Detroit para Chicago (avião)
- 7 a 8 de Abril – Chicago (comboio)
- 8 de Abril – Viagem de Chicago para Racine (Johnson Wax) (comboio); Viagem de Racine para Milwaukee (comboio) e de Milwaukee para Madison (bus).
- 9 de Abril – Viagem de Madison para Taliesin East (bus)
- 10 de Abril – Madison (First Unitarian Church)
- 10 Abril – Viagem de Madison para Chicago (bus)
- 11 a 20 de Abril – Chicago(IIT, University of Illinois, Oak Park, Sullivan, Lake Shore Drive)
- 20 de Abril – Viagem de Chicago para Phoenix (avião)
- 21 de Abril – Phoenix (Taliesin West)
- 22 de Abril – Viagem de Phoenix para Nogales (bus); Nogales para Ciudad del México (avião)
- 23 a 25 de Abril – Ciudad del México
- 26 de Abril – Teotihuacan, México (bus)
- 27 a 28 de Abril – Ciudad del México (cidade universitária)
- 29 de Abril – Viagem de Ciudad del México para Nogales (avião); Nogales para Phoenix (bus)
- 30 de Abril – Viagem de Phoenix para Los Angeles (avião)
- 1 a 2 de Maio – Los Angeles
- 2 de Maio – Viagem de Los Angeles para S. Francisco (avião)
- 3 a 7 de Maio – S. Francisco (Berkeley, University of California)
- 8 de Maio – Viagem de S. Francisco para Honolulu (avião)
- 9 de Maio Honolulu
- 10 a 11 de Maio – Viagem de Honolulu para Tokyo no Japão (avião)
- 12 a 16 de Maio – Tokyo (WoDeCo)
- 17 de Maio Tokyo
- 18 de Maio – Nikko (comboio)
- 19 de Maio – Tokyo
- 20 de Maio – Viagem de Tokyo para Kyoto, passando por Osaka (avião + comboio)
- 20 a 26 de Maio – Kyoto
- 26 de Maio – Nare (comboio)
- 27 a 28 de Maio – Kyoto
- 28 de Maio – Viagem de Kyoto para Bangkok, passando por Osaka, Taipe e Hong-Kong (avião)
- 28 a 31 de Maio – Bangkok
- 31 de Maio – Viagem de Bangkok para Karashi no Paquistão (avião)
- 1 e 2 de Junho – Karashi (tenta obter visto para muitos lugares – consegue Egipto)

- 3 de Junho – Viagem de Karashi para Beirute no Líbano (marca viagem para o Cairo) (avião)
- 4 de Junho – Balbek no Líbano
- 5 de Junho – Viagem de Beirute para o Cairo no Egipto (avião)
- 5 a 8 de Junho – Egipto (pirâmides de Gizeh)
- 8 de Junho – Viagem do Cairo para Atenas na Grécia (avião)
- 9 a 12 de Junho – Atenas (Acrópole)
- 12 de Junho – Partida do aeroporto de Atenas com destino a Lisboa (avião)

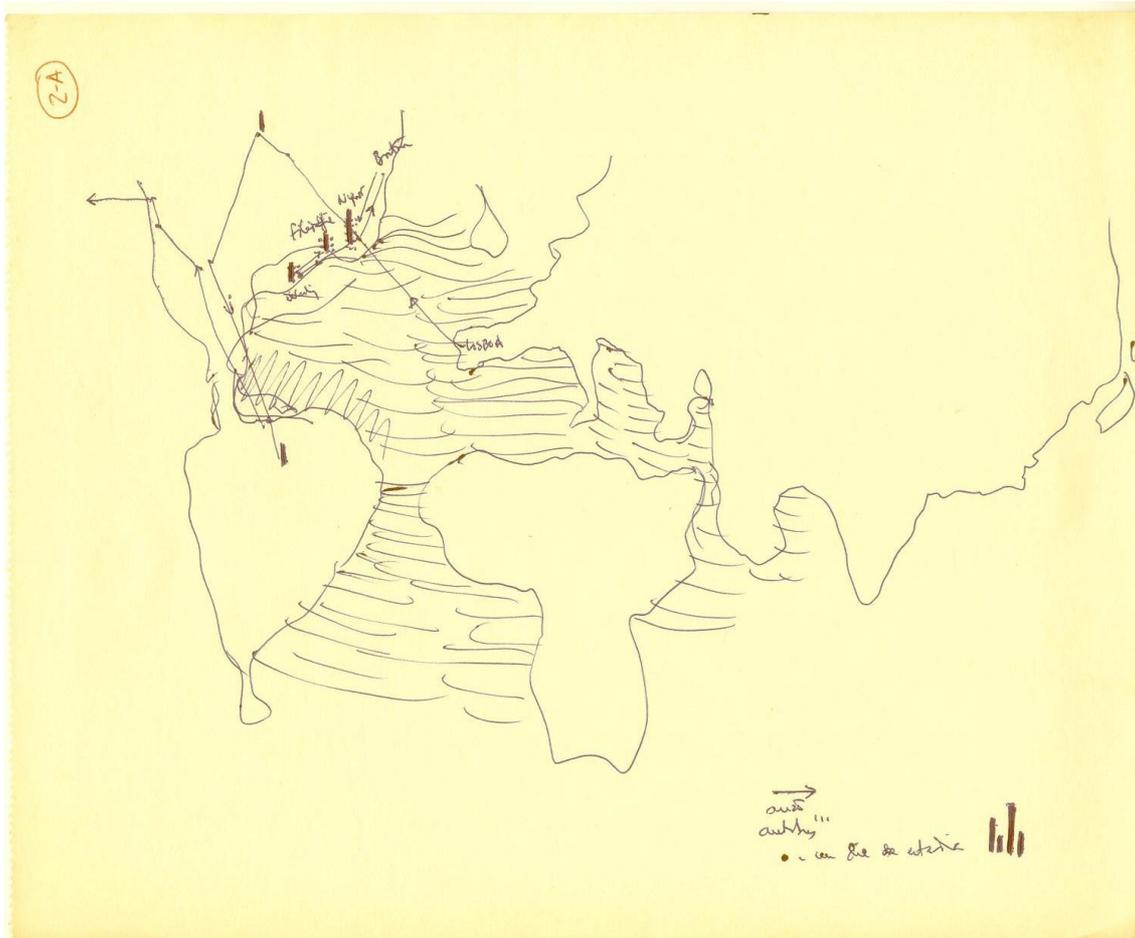


fig. 17 mapa, desenhado por Távora, com a indicação do percurso nos EUA e México, folha 2-A do rascunho do relatório, A.A.F.T.

Viajar sozinho, nestas condições, em 1960, não era tarefa fácil, nem habitual. Mas não há dúvida que era um acontecimento sair do país por um período tão longo, fosse pelo esforço científico, pela novidade e pela coragem, fosse pela esperança de ser possível encontrar respostas para ensino de arquitectura e do urbanismo. A importância desta viagem está bem patente no *comité* de despedida, do dia 13 de Fevereiro e registado na 1ª folha deste diário.

“Diário de “Bordo”

dia 13 de Fev. (sábado)

Partida de Lisboa, em Avião da PANAM, às 0,15 forte despedida; presentes: Tucha, Zé e Walter, Sogro, Pai, Arq. Carlos Ramos, D. Castelbranco e mulher, Rui Pimentel, Tito Figueiredo, Augusto Amaral, V. de Lima, José Azevedo Campos, Bento Lousã, Sérgio Fernandez, José C. Loureiro, Luis Cunha, Álvaro Siza, Vasco Cunha, Jorge Gigante, Duílio da Silveira, Luís Brochado Dias.”⁷⁶

Embora seja importante destacar a presença de tão numeroso e distinto grupo, é provável que alguns destes arquitectos estivessem em Lisboa para assistir ao “I Colóquio sobre problemas do Habitat”, realizado em Fevereiro de 1960, e “com a participação do eminente sociólogo francês Pierre Chombart de Lauwe”⁷⁷.

⁷⁶ Fig.2 – Fernando Távora, *Diário 1960, idem*, pag.006.

⁷⁷ Ana Tostões, “A Consciência, a Nova Crítica e o Inquérito à Arquitectura Popular”, *idem*, pag.168.

II CAPÍTULO

1. O Professor – As Universidades e Instituições Americanas

O objectivo inicial de Távora, registado no Boletim de Inscrição⁷⁸ para a bolsa da FCG, é estudar os Métodos de Ensino de Arquitectura e Urbanismo nas Universidades e Institutos americanos. Numa folha que faz parte da documentação do A.A.F.T., com o título “Objectivos da Viagem”, estão descritos 7 pontos de intenções para a mesma.⁷⁹ É possível perceber, no entanto que, embora a folha não esteja datada, o documento só terá sido escrito após a estadia nos Estado Unidos da América. É, não só um resumo, arrumado por temas, do percurso científico de Távora ao longo da viagem, mas também refere alguns lugares concretos. Este poderá ser um dos primeiros rascunhos para a elaboração do relatório final para a Fundação Calouste Gulbenkian, de que falarei mais à frente.

“OBJECTIVOS DA VIAGEM

1- Características Gerais do ensino nos U.S.A., com vista ao enquadramento no ensino da Arq. e do Urbanismo.

1A- Estudo dos métodos de ensino (programas e prática) da arq. e urbanismo

(incluindo as cadeiras técnicas), nas Universidades e Instituições seguintes:

2- Vida Escolar (organização de alunos, reacção dos alunos aos métodos de ensino)

3- Edifícios e instalações escolares

4- Arquitectura e urbanismo [e paisagismo] (realizações mais notáveis, incluindo métodos de construção, problemas do planeamento económico e territorial, etc.) – Tennessee, parques nacionais, organização dos (estaleiros?), (- visitas aos serviços de urbanismo das cidades principais

5- Organização de ateliers e contactos pessoais com arquitectos

6- Museus – organização e actividades – edifícios (sobretudo o Museum of Modern Art)

(Milwaukee?)

7- Recolha da Bibliografia, especialmente de Arq. e Urbanismo e documentação fotográfica da (cinematografia?)”

⁷⁸Fernando Távora, Rascunho do Boletim de Inscrição, documento manuscrito, 27/04/1959, A.A.F.T. Fig.6 – “Boletim de Inscrição”, 27/04/1959, Arquivo F.C.G.

⁷⁹Fig.18 – Fernando Távora, “OBJECTIVOS DE VIAGEM”, documento manuscrito, sem data, A.A.F.T.

OBJECTIVOS DE VIAGEM

- 1- Características gerais do turismo nos U.S.A., com ênfase nos desenvolvimentos no âmbito do B.O. e do turismo
- 1A- Estudo em detalhes do turismo (profissões e profissões) do emp. e turismo (incluindo os campos de férias), nos municípios e instituições locais:
- 2- Visão geral (resumo) do turismo, mas, com ênfase em detalhes do turismo)
- 3- Especificações e detalhes de turismo
- 4- Arquitetura e urbanismo (residência mais urbana), incluindo visitas a museus, igrejas ou planejamentos econômicos e sociais, etc. - feiras, parques recreativos, shopping centers, (- visitas aos locais de turismo de campo principais)
- 5- Organização de atividades e eventos locais em arquitetura
- 6- Museu - organização e atividades - edifícios (Whitman e Museu de Artes e Ciências)
- 7- Residência de Billingspie, especialmente no B.O. e turismo e documentação histórica e cartográfica.

fig. 18 "OBJECTIVOS DE VIAGEM", sem data, A.A.F.T.

A Viagem e este objectivo em particular, parecem ser agora claros e surgem na sequência natural, das suas funções como arquitecto e professor Assistente da E.S.B.A.P. desde 1958 e da sua actividade como profissional liberal ou a trabalhar para as Câmaras do Porto e Gaia, onde tinha estado envolvido em inúmeros trabalhos ligados à área do urbanismo e do planeamento.

E se é, à partida, compreensível que Távora deseje fazer uma viagem de estudo com estas características - a escolas de arquitectura e urbanismo - nesta fase a pergunta que se levanta será relativa ao destino escolhido.

1.1. EUA

A escolha dos Estados Unidos poderá ter, do meu ponto de vista, quatro justificações possíveis.

a. É uma consequência ou reacção ao método de ensino em vigor durante a licenciatura de Távora em arquitectura, derivado de um ensino europeu, especialmente da escola francesa e com contornos essencialmente clássicos.

Esta viagem procura exactamente descobrir outros métodos, mais próximos das questões da arquitectura contemporânea de 1960 e aqueles com que Távora se confrontava no dia-a-dia.

Foi procurado o confronto com uma realidade absolutamente diferente da portuguesa. O objectivo terá sido aprender com a experiência de um país mais desenvolvido e rico, e também com os seus erros.⁸⁰

b. É também provável que a decisão de ir para os EUA seja resultado da convivência e relacionamento que vinha tendo, nas reuniões do CIAM⁸¹, com arquitectos americanos ou de outras nacionalidades mas a leccionar e trabalhar no país.

Como testemunha Siza Vieira, então aluno nas Belas Artes, Távora transmitia aos seus colegas e aos alunos a experiência vivida nos CIAM em que participava.⁸²

Em 1960 grande parte dos professores universitários e arquitectos de renome nos EUA tinham vindo de países europeus (afastados durante as guerras), sul-americanos, ou mesmo do Japão. Sobre este assunto Távora ironiza, escrevendo que a América não poderia ser genuína,

⁸⁰ Fernando Távora, “Prefácio”, Rascunho do Relatório de Viagem, documento manuscrito, sem data, A.A.F.T.

⁸¹ *CURRICULUM-VITAE DO ARQ.* Fernando Távora, “Assistiu e participou nos trabalhos dos Congressos seguintes: I Congresso Nacional de Arquitectura (Lisboa, 1948), XVI Congresso Internacional de História da Arte (Lisboa/Porto, 1949), VIII Congresso dos CIAM (Hoddesdon, Inglaterra, 1951), II Congresso da UIA (Rabat, Marrocos, 1951), IX Congresso CIAM (Aix-en-Provence, França, 1953), IV Congresso da UIA (Lisboa, 1953), XXII Congresso Internacional da Federação da Habitação e do Urbanismo (Edimburgo, Inglaterra, 1954), X Congresso CIAM (Dubrovnik, Iugoslávia, 1956).

Assistiu e participou nos trabalhos da reunião preparatória do X Congresso CIAM (La Sarraz, Suíça, 1955) e, parcialmente, nos da I Conferência Internacional dos Artistas promovida pela UNESCO (Veneza, Itália, 1952).

Figuraram trabalhos seus na representação oficial portuguesa ao II Congresso da UIA, ao XXI Congresso da Federação Internacional da Habitação e do Urbanismo e ao X Congresso CIAM.

Assistiu e participou, como Auditor, à I Escola de Verão CIAM (Instituto Universitário de Arquitectura, Veneza, Itália, 1952).

Foi Director-Adjunto da Escola de Verão UIA-1958, realizada na Escola Superior de Belas Artes do Porto.

Foram publicados trabalhos seus nas Revistas “A Arquitectura Portuguesa” e “Arquitectura”.

Figuraram trabalhos seus na I Exposição do ODAM, na V Exposição Magna da Escola Superior de Belas Artes do Porto e na Exposição “Arquitectura Portuguesa Contemporânea” (organizada pelo SNI e destinada a percorrer várias Universidades dos Estados Unidos da América). *FERNANDO TÁVORA*, documento manuscrito, A.A.F.T.

⁸² Jorge Figueira, “...a verdade é que os contactos estabelecidos servirão para pôr a cultura arquitectónica internacional no mapa da Escola do Porto...”, *idem*, pag.41.

porque, não só tinha sido “construída” pelos europeus⁸³, mas também tinha à frente das suas principais universidades, mentes europeias.

Encontravam-se nas escolas americanas muitos dos grandes pensadores e investigadores da arquitectura e urbanismo internacionais como Vincent Scully, Walter Gropius, Pietro Belluschi, Christopher Tunnard, Paul Rudolph, Alejandro Óscar Solari, José Luís Sert, Kevin Lynch, Louis Kahn, etc. Távora esteve com todos estes arquitectos/urbanistas/paisagistas que seriam e ainda o são hoje, referências da arquitectura e da teoria da arquitectura do século XX.

Távora conheceria o dinamismo da investigação científica, levada a cabo pelas escolas americanas não só pelas reuniões do CIAM, mas também porque não era o primeiro arquitecto português a viajar para os EUA

A revista *Arquitectura publica*⁸⁴, em 1959 um texto da autoria do arquitecto Luís Fernandes Pinto, sobre a viagem que fez aos Estados Unidos de cerca de 5 meses em 1958, na qual visitou diversos ateliers, nomeadamente o de F.L. Wright, Gropius, Mies, Kahn, e Neutra. Esta terá sido, no entanto, uma viagem virada para a prática profissional uma vez que o texto referido é claramente uma análise da arquitectura americana.

Távora faz também referência⁸⁵ ao contacto que terá tido com o arquitecto Luís Fernandes Pinto, que o terá ajudado nas questões mais burocráticas da viagem.

È curioso detectar alguma discordância de opiniões, sobre a qualidade de algumas obras da arquitectura americana. Na comparação Lever House (SOM) # Seagram Building (Mies), a Lever *vence* no artigo de Luis Fernandes Pinto, mas o Seagram é claramente superior nas anotações de Fernando Távora no Diário.

De entre a documentação em arquivo, existe ainda a informação disponibilizada pelo arquitecto lisboeta Frederico George⁸⁶, amigo de Távora, que tinha também, estado nos Estados Unidos em visita às Universidades. Um dos documentos consiste numa lista com referências a ateliers, faculdades e instituições que terá sido usada por este arquitecto e, com a ajuda do qual, Távora terá estruturado a sua própria viagem. Muitas das universidades mencionadas nessa correspondência são coincidentes com as encontradas no seu próprio itinerário.

Frederico George e Fernandes Pinto tinham sido bolseiros do Governo Americano. Embora tenham sido estes dois arquitectos de Lisboa a indicar um primeiro itinerário nos EUA, é possível perceber que o arquitecto Carlos Ramos foi um dos mais entusiastas e incentivadores

⁸³ Fernando Távora, “Ah Europa, Europa, se não fosses tu que seria desta rica América?”, *Diário 1960*, *idem*, pag.081a.

⁸⁴ Luís Fernandes Pinto, “O momento actual da evolução americana”, in *Revista Arquitectura* n.º65, Lisboa, 1959, pag.33-39.

⁸⁵ Fernando Távora, Carta de esclarecimentos de Fernando Távora para a F.C.G., Porto, 9 de Dezembro de 1959, Arquivo da F.C.G.

⁸⁶ Fig. 19 – Frederico George, “Lista dada pelo Fred. George – Lxª, Março, 5, (56?)”, Lista de Universidades Americanas, documento manuscrito, A.A.F.T.

1/ Columbia University —
 2/ Howard University — Universidade de Negro Wink
1970
 3/ Harvard University - Boston (Gropius)
 4/ Massachusetts Institute of Technology - Boston
Pietro Belluschi
 5/ University of Pennsylvania — (Philadelphia)
 (Holmes) (Robert Smith)
 6/ Illinois Institute of Technology
 Mrs. Van der Poel
 Chicago
 7/ Institute of Design
 (IIT) Wechsman
University of Berkeley San Francisco
~~the~~ Texas University 10
Georgia Tech

Yale University	New combe
Princeton .. "	400, 100

$\frac{260}{1500}$	$\frac{99}{38}$	$\frac{400}{1.000}$	100 — 50 Unterm full Fed. George - Lx ^a , Perry, 5/5
--------------------	-----------------	---------------------	---

fig. 19 "Lista dada pelo Fred. George - Lx^a, Março, 5, (56?)", Lista de Universidades Americanas, A.A.F.T.

CARLOS RAMOS
ARQUITECTO

Boston, the 12th February 1960
Mr. Ralph Walker
Architect A.I.A.
New York

Dear Sir:

Our friend architect Fernando Távora, that you knew in the third U.I.A. Congress at Boston, is now Professor in the High School of Fine Arts in Oporto in which I am the director.

On that quality and also as pursuer of the High Culture Institute of the Ministry of National Education, he goes with a great and honourable subsidy from the "Calouste Gulbenkian Foundation" to study all kinds of pedagogic structures in the American Universities and schools teaching architecture.

I am sorry to ask you for all informations and facilities in the matter you can give him.

With my compliments to Mrs. Walker, I am,
dear Sir, cordially

Carlos Ramos

fig. 20 "Mr. Ralph Walker Architect A.I.A.", Carta de Recomendação, 12/02/1960, A.A.F.T.

da viagem, como comprovam as cartas de recomendação que escreveu a diversas instituições. A carta para Mr. Ralph Walker da “American Institute of Architects” (A.I.A.) de New York⁸⁷, demonstra não só essa vontade mas é sintomática do conhecimento e acompanhamento da realidade Americana, por parte de alguns arquitectos portugueses.

c. O Diário contém ainda, do meu ponto de vista, algumas referências claras à “Storia dell’Architettura Moderna” de Bruno Zevi. Algumas passagens mostram que Távora conhecia bem o conteúdo desta obra e que a sua leitura poderá ter ajudado a direccionar as atenções para o lado de lá do Atlântico. Em alguns momentos, Távora parece olhar para esta viagem e para o que nela ia observando, usando o *filtro* da história de Zevi, publicada em 1950.

Távora representava aqueles a quem Alexandre Alves Costa descreveu como o “novo corpo docente recrutado por Mestre Ramos entre os que traziam a reposição dos princípios do movimento moderno, os que traziam as novas mensagens renovadoras, sobretudo a leitura de Zevi, os que tinham saído as fronteiras nacionais à procura da arquitectura, os que traziam o desejo de um melhor conhecimento da nossa realidade...”⁸⁸

Nestes 4 meses de viagem à volta do mundo, Távora *levava consigo*, não só Zevi como a arquitectura e urbanismo portugueses, e todos os problemas relacionados como ensino destas duas disciplinas. Quanto mais aprende com a experiência, mais consciência vai ganhando da verdadeira dimensão da realidade portuguesa.

Após a visita às obras de F. L. Wright, Távora concorda com Zevi quando este refere, que Giedion, na obra “Space Time and Architecture”⁸⁹, teria posto por engano Le Corbusier no fim e Wright no início, fazendo uma releitura (anacrónica) da história da Arquitectura Moderna.

No prefácio de 1967, Nuno Portas menciona o facto de Zevi ter dado extrema importância ao papel de Frank Lloyd Wright “não apenas como um precursor que também foi, mas como fornecedor de uma substância nova à arquitectura moderna – o «espaço interno»”⁹⁰ Para Portas a *agenda* de Zevi era - “a interpretação espacialista” e é esse aspecto que as diferencia das restantes obras sobre a arquitectura e a história da arquitectura.

Uma das características apontadas por Távora é, precisamente, a capacidade de Wright criar espaços de qualidade. Sobre a Jhonson Wax refere a “riqueza daqueles espaços e percursos” e cita o próprio autor numa entrevista, mencionando “os valores humanos em causa e a “dignidade” do ambiente interior do edifício.”⁹¹ Sobre Taliesin East Távora escreve que os “espaços falavam com um ímpeto extraordinário.”⁹²

⁸⁷ Fig.20 – Carlos Ramos, “Mr. Ralph Walker Architect A.I.A.”, Carta de Recomendação, 12/02/1960, A.A.F.T.

⁸⁸ Alexandre Alves Costa, *idem*, pag.47

⁸⁹ Bruno Zevi, “Movimento Orgânico na Europa”, in *História da Arquitectura Moderna*, volume I, Editora Arcádia, 1972 pag.284.

⁹⁰ Nuno Portas, “Prefácio”, in *História da Arquitectura Moderna*, volume I, Editora Arcádia, 1972 pag.13.

⁹¹ Fernando Távora, *Diário 1960*, *idem*, pag.232a.

⁹² *Ibidem*, pag.239a.

Quando utiliza a expressão “esta obra é um poema” ao descrever a obra do mestre americano, transporta-nos mais uma vez para o texto de Zevi que usa o termo “poeta” quando se refere aos grandes nomes da arquitectura.

Independentemente das coincidências terminológicas, torna-se evidente que Távora conhecia bem a obra de Zevi e que a levou, mais ou menos conscientemente, na bagagem.

d. Pela análise dos textos do Diário é ainda possível deduzir que a sua grande admiração por Frank Lloyd Wright e a ideia de poder ver, ao vivo, a sua obra deve também ter sido um forte incentivo na escolha do destino. Neste caso não existe nenhum documento oficial a comprová-lo mas julgo que a intensidade com que escreve as páginas dedicadas a este arquitecto e às suas obras é justificação suficiente. Todos os diapositivos das obras de Wright estavam também guardados fora da ordem cronológica da viagem, indicando a sua importância particular e com valor próprio.

De facto o que parece ser original em Távora não será somente a escolha dos EUA mas antes os motivos que o levaram lá. Esta viagem é feita num momento de transformação da escola de Belas Artes e Távora foi à procura, nas universidades americanas, de formação e orientação pessoal e profissional. A viagem não se destinava só a ver arquitectura e arquitectos conhecidos – tinha um valor disciplinar e científico muito forte, e talvez tenha sido essa a razão pela qual a fundação Calouste Gulbenkian lhe atribui uma bolsa.

Não há dúvida que Távora parte com esse intuito e o que é particularmente interessante é perceber uma espécie de consciencialização em Távora, que se vai encontrando a si próprio, em função do que observa e à medida que o tempo passa. Consequentemente vai também redireccionando a viagem em função dessa transformação.

A ideia era viajar para conhecer as escolas americanas, mas a experiência foi tão enriquecedora que Távora afirmou: “...esta viagem mundializou-me”.⁹³

Julgo que o que Távora quis dizer com esta afirmação é que tendo sempre consigo Portugal e a cultura portuguesa, esta viagem permitiu, pelo confronto, estabelecer princípios de compreensão da realidade global e local. Esta viagem permite a aproximação a uma infinidade de realidades que estão permanentemente a ser olhadas em paralelo com o seu país, a sua escola, o seu atelier e, talvez, a sua arquitectura.

⁹³ Entrevista realizada por alunos do Departamento de Arquitectura da FCTUC, do 2º ano, da disciplina de Teoria de Arquitectura, leccionada pelo Prof. Mário Krüger e por alunos do último ano no âmbito da prova final, videocassete, Porto, 2002.

1.2. Universidades e Instituições

A situação mundial e particularmente a posição americana, neste período, não era fácil. Estávamos em plena guerra fria e viajar para os EUA requeria alguma paciência uma vez que o controlo era apertado. Entre a diversa documentação sobre esta viagem existem, no arquivo, alguns elementos que o indicam como uma declaração de “activo repúdio do Comunismo e de todas as ideias subversivas.”⁹⁴, embora não se perceba se para sair de Portugal ou se para entrar nos EUA, ou uma outra declaração que Távora assinou para o Instituto da Alta Cultura, em que se comprometia a não alterar, sem autorização, o seu programa e a enviar mensalmente um “comprovativo da sua residência, autenticado por visto consular”⁹⁵.



fig. 21 Mapa da SwissAir com anotação, por Távora, do percurso pelos EUA, A.A.F.T.

Nos EUA a sua estadia e programas serão sempre acompanhados e talvez por vezes condicionados por instituições americanas como “Foreign Office Affairs”, a “Housing and Home Finance Agency” (HHFA), e o “International Educational Service” (IES).

O seu programa é pois, muito planeado, estruturado quase diariamente pelas instituições americanas e, quase sempre, com o acordo de Távora. Em algumas situações, o arquitecto lamenta um programa demasiado rígido, sobretudo aquele relacionado com a visita a instituições públicas e governamentais.

⁹⁴ Fernando Távora, “DECLARAÇÃO”, 18/11/1959, A.A.F.T.

⁹⁵ Duplicado do “Termo de Contrato” com o Instituto da Alta Cultura, 20 de Janeiro de 1960, A.A.F.T.

A primeira proposta entregue à Fundação Calouste Gulbenkian, ainda na fase de candidatura à Bolsa, é elaborada, segundo é possível perceber, tendo como base as indicações dadas pelo arquitecto de Lisboa, Frederico George que, como já referi, tinha estado nos Estados Unidos em 1958.

As cidades e Universidades indicadas nesse documento para a Gulbenkian são a “Columbia University, Howard University, Harvard University, Massachussets Institute of Technology, University of Pennsylvania, Illinois Institute of Technology, Institute of Design”. A lista manuscrita, que já referi anteriormente que poderá ser o rascunho da conversa com o arq. Frederico George, incluía ainda Berkeley, Texas University, Georgia Tech e Yale.

Das universidades referidas no programa para a Gulbenkian, Távora deixará *cair* a Howard University e acrescentará a School of Art and Architecture da University of Yale e Berkeley na University of Califórnia.

Távora, chega aos Estados Unidos a 13 de Fevereiro de 1960, a primeira cidade que visita e onde se instala é Washington. A opção de começar por Washington deve-se ao facto de esta ser a capital dos EUA e a mais conveniente para a organização definitiva do itinerário, com as instituições americanas que o aguardavam.

Nesta cidade e com o apoio da HHFA e da IES, estabelece não só o itinerário⁹⁶ para todo o período nos EUA, incluindo universidades, instituições e algumas visitas a ateliers, mas também, o programa para a sua estadia em Washington de 16 a 19 de Fevereiro. É-lhe ainda fornecida uma lista com contactos de instituições, arquitectos e universidades no Japão.

É com base neste programa, que sofrerá alguns ajustes ao longo da viagem, que Fernando Távora irá começar o seu percurso pela América do Norte.

De cada uma das Universidades visitadas trará informação disciplinar vária, conhecimento dos métodos de ensino, sistemas de avaliação e programas curriculares,

Estas visitas vão permitir-lhe o relacionamento com arquitectos de renome e perceber o relacionamento entre faculdades e, entre estas e as diferentes instituições relacionadas com a prática do urbanismo e do planeamento, que vai visitando em paralelo. Neste ponto será analisado o percurso “científico” de Fernando Távora pelas universidades e instituições ligadas à prática da arquitectura e urbanismo, seguindo a ordem cronológica das visitas, acompanhando-o de cidade em cidade.

⁹⁶ Fig. 22 a 25 – Folhas anexas ao Diário com os itinerários nos EUA, *Diário 1960, idem*, pag.017, 026, 028, 028a, A.A.F.T.

ITINERARY
Washington, D. C.
Mr. Fernando Tavora - Portugal
(Privately Financed)
Refd. by Mr. Denning, State Dept. / W. S. 1940, Room 605

February 16, 1960

9:30 A. M.

few

Report to:
Mr. Weldon J. Brown
Principal Training Program Officer
Office of International Housing
Housing and Home Finance Agency
Room 902 Normandy Building
1626 "K" Street, N. W.
Washington 25, D. C.
Telephone: DUDley 2-4087

2:00 P. M.

Report to:
Mr. Edmund B. Peterson
American Institute of Planners
Suite 410
2400 - 16th Street, N. W.
Telephone: ADams 2-5561

February 17

10:00 A. M.

fourth

Report to:
Reception Desk (ask for Mr. Pringle)
National Association of Home Builders
1625 "L" Street, N. W.
Washington, D. C.
Telephone: REpublic 7-7435

4:00 P. M.

Report to:
Mr. Walter Taylor
Director, Department of Education and Research
American Institute of Architects
1735 New York Avenue, N. W.
Washington, D. C.
Telephone: EXecutive 3-7050

February 18

quite
11.00 A.M.

2:30 P. M.

Report to:

*William Smith and Associates - Boston
Mr. Charles Deffen
Charles Goodway Associates
814 - 18th Street, N.W. - Second floor*

Report to:
Miss Mary Small → *NJ Leonor Siegelman*
National Capital Planning Commission
Interior Building - Room 7013-7132
18th and "C" Streets, N. W.
Washington 25, D. C.
Telephone: REpublic 7-1820
Extension 2101

(15)

fig. 22 Diário de viagem, 1960, folha 017, A.A.F.T.

ITINERARY - Washington, D. C.
Mr. Fernando Tavora - Portugal

February 19, 1960
9:30 A. M.

Report to:
Mr. Tracy B. Augur
Assistant Commissioner for Urban Planning Assistance
Urban Renewal Administration
Room 821 Lafayette Building
811 Vermont Avenue, N. W.
Washington, D. C.
Telephone: DUDley 2-5141

3:00 P. M.

Report to:
Mr. Weldon J. Brown
Principal Training Program Officer
Office of International Housing
Housing and Home Finance Agency
Room 902 Normandy Building
1626 "K" Street, N. W.
Washington 25, D. C.
Telephone: DUDley 2-4087

4:00 p.m.

Report to:
Mr. Eugene A. Tilleux
Documentation Officer
Office of International Housing
(Room 910 Normandy Building)
Housing and Home Finance Agency
1626 K Street, N. W.
Washington 25, D. C.
Telephone: DUDley 2-4077

OIH:HHFA:BROWN

fig. 23 Diário de viagem, 1960, folha 026, A.A.F.T.

*22 de mar 9/10/60
+ informe pelo Sr. Walter T. Brown
de Housing and Home Finance Agency*

Fernando Tavora
Portugal

February 22 - 26, 1960
*Phil. City Planning Commission
Meeting
buildings*

February 29 - March 1
*buildings
museums
architects
brochures*

March 7 - 11

March 14 - 18

March 21 - 25

G. Holmes Perkins
Dean
School of Fine Arts
University of Pennsylvania
Philadelphia 4, Pennsylvania
Telephone: EV 6-0100

New York, New York
On February 29 at 9:00 a.m. report to:
Mr. Walter S. Fried
Regional Administrator, HHFA
346 Broadway - Room 906
New York 13, New York
Telephone: REctor 2-8000 Extension 539

Mr. Fried will prepare your program and will include visits to Socony Mobil Oil Company Building; UN Housing, Building and Planning Branch; Westchester County Planning Commission; New York City Planning Commission; private planners.

New York, New York
Dr. Leopold Arnaud
Dean
School of Architecture
Columbia University
322 University Hall
New York 27, New York
Telephone: UNiversity 5-4000

Gibson A. Danes
Dean
School of Architecture and Design
Yale University
New Haven, Connecticut
Telephone: State 7-3131

Professor Jose Luis Sert
Dean
Graduate School of Design
Office of the Dean
Harvard University
Cambridge, Massachusetts
Telephone: UN 8-7600

fig. 24 Diário de viagem, 1960, folha 028, A.A.F.T.

Fernando Tavora
Portugal

March 28 - April 1, 1960

Dr. Pietro Belluschi
Dean
School of Architecture and Planning
Massachusetts Institute of Technology
77 Massachusetts Avenue
Cambridge 39, Massachusetts
Telephone: UN 4-6900

April 4 - 8

Detroit, Michigan
(No contacts are to be made by OIH)

April 9 - 10

Madison, Wisconsin
(No contacts are to be made by OIH)

April 11 - 15

~~Dean~~ *Ralph G. Owens*
~~School of Architecture~~ *School of Engineering*
Illinois Institute of Technology
3300 S. Federal Street
Chicago 16, Illinois
Telephone: CA 5-9600

April 18 - 22

Mr. William Shafer
Tennessee Valley Authority
508 Union Avenue
Room 324 - New Sprankle Building
Knoxville, Tennessee
Telephone: 2-7181

April 25 - 29

Phoenix, Arizona
(No contacts are to be made by OIH)

May 2 - 3

Mr. Richard Neutra
Architectural Consultant
2300 Silverlake Boulevard
Los Angeles, California
Telephone: Normandy 4-2684

May 4 - 10

Professor Francis Violich
Chairman
Department of City and Regional Planning
University of California
Berkeley, California

May 11

Depart for Japan

Ernest Vaughan (Landmarks)
H. Le Cand

fig. 25 Diário de viagem, 1960, folha 028a, A.A.F.T.

WASHINGTON

No “American Institute of Planners” de Washington, são-lhe transmitidas algumas noções básicas sobre o Planeamento Urbano nos EUA. Neste país um “planner” era um indivíduo com funções mais largas do que era, então, o urbanista em Portugal.

Um “planner” era entendido como um gestor das questões, pluridisciplinares, da cidade, tendo em conta não só o desenho, mas também as influências sociais, económicas ou mesmo as políticas.

Távora fica ainda a saber que o planeamento, à escala nacional, depois de tentado, se verificava de complicada concretização. As populações e governantes aceitavam com alguma facilidade as propostas à escala local, ...“escala em que todos sentem as necessidades e todos desejam satisfazê-las, escala fácil de abarcar pelo homem da rua, mas na medida em que se afasta desta escala o planeamento é cada vez menos compreendido, porque cada vez é sentido como coisa mais exterior dos interesses do indivíduo ou da sua próxima comunidade.”⁹⁷

Em Portugal, só em 1961 serão levantadas, num colóquio sobre urbanismo, organizado pela Direcção Geral dos Serviços de Urbanismo, questões fundamentais, como as relações do “planeamento geral,” ...“com os Planos de Fomento e com o planeamento Municipal, considerado peça basilar para a concretização dos primeiros.”⁹⁸ Nos Estados Unidos tudo isto já tinha sido experimentado.

Na mesma cidade, na “Capital Planning Commission”, é-lhe explicado o processo de planeamento a vários níveis, de escala e problemas.

Porque se mostra interessado nos problemas do tráfego urbano dão-lhe “algumas explicações sobre o caso particular de Washington” (...) o “sector “Research” do “(Comprehensive?) Plan” estuda problemas muito gerais da cidade – e todos – a longo prazo, “for the next generation” enquanto que outros serviços estudam problemas mais (prementes?) e mais especializados.

(Traffic, slum clearance, etc). (...) É extraordinário o requinte atingido quanto a (inquéritos?) de trânsito (nesta matéria o nosso atraso deve andar quase pelos 100 anos) e dum modo geral é interessante notar o sentido dinâmico com que os problemas do planeamento são considerados (Washington vai já no 8º Plano, incluído o inicial de L’Enfant).⁹⁹

Na “National Association Of Home Builders”, Távora encarna a personagem Sr. Hulot no “Playtime” de Jaques Tatis. Távora vê-se rodeado por soluções sofisticadas para os problemas da casa individual. À distância do tempo, é possível perceber o fascínio e o espanto por objectos que em Portugal eram apenas uma miragem¹⁰⁰.

⁹⁷ Fernando Távora, *Diário 1960, idem*, pag.016.

⁹⁸ Sergio Fernandez, *idem*, pag.145.

⁹⁹ Fernando Távora, *idem*, pag.024.

¹⁰⁰ Fernando Távora, “O Sr. Pringle (focou-me?) várias questões de pormenor em materiais de cozinha no sentido de dar satisfação aos desejos das mulheres americanas (expostos?) em congressos ou em “rapports” feitos por vezes por alunos de Universidades.

As fotografias de viagem, pelo seu filtro amarelado do tempo e porque *cristalizaram o ar* e a moda da época transportam-nos também a este mundo de Tati.



fig. 26 slide, Lincoln Monument, Washington, A.A.F.T.

fig. 27 slide, Washington Monument, visto do Lincoln Monument, Washington, A.A.F.T.

A sofisticação existia também nos escritórios de arquitectura. No escritório da equipa – Charles Goodman Associates – descreve desinteressadamente os projectos, mas sublinha, curiosamente, a qualidade das instalações com “Um bom atelier com uns 4 ou 5 (escravos?), ar condicionado, boa iluminação (artificial?) e uma recepção com fotos (coloridas?) de alguns trabalhos (Sei que há um gajo no Porto que tem qualquer coisa de semelhante)”.¹⁰¹

O período passado em Washington é pois um período de encantamento com a sofisticação americana, acentuado pela consciencialização de uma tecnologia avançada (de ponta), com o alto nível da investigação nas áreas do urbanismo e pela sua experimentação e concretização no terreno.

FILADÉLFIA

A primeira escola que Távora visita é a School of Fine Arts da University of Pennsylvania (Dean G. Holmes Perkins), leccionavam, entre outros, o arquitecto Louis Kahn, o Prof. Wheaton e o Prof. Robert Smith.

A escola de Filadélfia permitirá a Távora perceber o funcionamento padrão de uma escola de artes e arquitectura nos EUA.

A característica mais óbvia prendia-se com o facto de ser dada igual importância às áreas da investigação científica e educativas.

O sentido americano do “hobby” encontra na casa um grande campo de acção dadas as facilidades de construção de casas sobretudo em matéria de (?) de pormenor. (Impressionou-me, por exemplo uma porta da garagem que é comandada do tablier do automóvel, os fechos de uma porta de cozinha que são simplesmente (uns?) (electro-magnéticos?), uma máquina de lavar e secar louça, o preço de uma cozinha em aço que custa praticamente a mesma coisa que uma cozinha boa em madeira, o tablier de alguns fogões de cozinha que mais (seria?) uma central de comando de qualquer instalação atómica, etc, etc.)”, *idem*, pag.019a e 020.

¹⁰¹*Ibidem*, pag.023.

Tomou conhecimento do intercâmbio de informação, de publicações e de professores entre as diversas escolas e lamenta que o mesmo não se fizesse em Portugal. Como se sabe não existia qualquer tipo de relação entre a escola e as instituições do Estado e as relações entre a escola do Porto e de Lisboa não eram as mais fáceis.

No nosso país, a questão de um ensino *mais científico* vinha sendo discutida pelo menos desde o Congresso de 48 e também na Reforma de 1957.¹⁰² Apesar disso e como já referi, a escola de Belas Artes do Porto caminhava noutra direcção.

Távora aproveitou para discutir com outro professor desta escola – Robert (LeRicolais?) – a reforma de 57 a incluir no curso de arquitectura das Belas Artes do Porto e, sobre a importância de outras disciplinas como era, o caso da matemática que fazia parte dessa “programação técnico-científica que a nova reforma previa para o ensino”¹⁰³ em Portugal.

Em Portugal, não havia departamentos dedicadas exclusivamente ao urbanismo e ao planeamento da cidade – as questões da cidade, quanto muito, eram debatidas no âmbito do curso de Arquitectura. Nos EUA, o Urbanismo era já uma disciplina bem distinta da arquitectura e com funcionamento autónomo.

Em conversa com o professor Wheaton, Távora toma conhecimento do trabalho conjunto que, arquitectos, urbanistas, sociólogos, ou economistas, vinham realizando na área do “urban design”, desde 1930. Faziam investigação, realizavam estudos e produziam estatísticas com o intuito de utilizarem esses instrumentos no planeamento da cidade. Informado pelo mesmo professor, Távora ficou a saber que “O staff do city planning desta “Graduate School” era constituído por 21 membros dos quais apenas 7 são arquitectos e destes alguns não praticam e outros nunca praticaram.”¹⁰⁴

A discussão no plano da cidade era pois uma discussão interdisciplinar generalizada, muito diferente, da discussão mais “virada para dentro” que se fazia, então, na Escola do Porto. Ainda assim, em Portugal, com a consciencialização humanista e a necessidade crescente de aproximação da prática da arquitectura e do urbanismo às necessidades das populações, algumas propostas, realizadas em finais dos anos 50, procuravam integrar respostas para estas questões.

No mesmo ano que Távora faz esta viagem, realiza-se em Lisboa “um Colóquio sobre Habitat, com a participação de Chombart de Lauwe, sociólogo eminente já conhecido entre nós...”¹⁰⁵

Paul-Henry Chombart de Lauwe “empreendeu um trabalho sistemático de análise que passava por tentar compreender a influência do meio urbano na composição social e na constituição física e mental dos cidadãos”¹⁰⁶, o seu trabalho, durante a década de 50, “iniciava, de um modo algo precoce, um percurso de investigação

¹⁰²Jorge Figueira, *idem*, pag.3.

¹⁰³Fernando Távora, *idem*, pag.048.

¹⁰⁴*Ibidem*, pag.038.

¹⁰⁵Sergio Fernandez, *idem*, pag.115.

¹⁰⁶José António Bandeirinha, “Os sentidos do debate internacional”, in *O Processo SAAL e a Arquitectura no 25 de Abril de 1974*, Dissertação de Doutoramento, Coimbra, 2001, pag.28.

sociológica que, muito embora se detivesse em domínios tão abrangentes como a exclusão, as culturas populares, a universidade, a identidade, as mutações do trabalho, as mulheres, a juventude, etc., teve nas questões da periferia e da participação activa dos cidadãos na construção da cidade uma frente de referências privilegiada.”¹⁰⁷

Neste colóquio, em Lisboa, a que Távora ainda terá assistido antes da partida para os EUA, foram discutidos planos importantes como o da extinção das ilhas no Porto, ou o Plano dos Olivais Norte em Lisboa. O “Plano de extinção das Ilhas” na cidade do Porto, por exemplo, tinha sido entretanto iniciado em 1956 e tinha como intervenção principal o Bairro da Pasteleira que incluía não só os blocos de habitação como o plano integrado de sistemas viários e zonas verdes.¹⁰⁸

Em Portugal davam-se os primeiros passos, nos EUA Távora observa então, os resultados de uma experiência de 30 anos de planeamento multidisciplinar.

Creio que Távora se surpreendeu sobretudo com o grau de especialização dos intervenientes e dos estudos realizados.¹⁰⁹

Em muitas cidades americanas iam sendo implementados, lentamente e à escala do plano de pormenor, os planos resultantes das investigações realizadas nas universidades e instituições próprias. Os resultados mais visíveis e com maior impacto urbano, muitas vezes descritos por Távora, eram os viários. A New Jersey Turnpike, auto-estrada que ligava algumas das principais cidades da costa do Atlântico, é o sistema viário perfeito, onde os limites das vias e a sua relação com a paisagem são, embora volumosas, a solução ideal para uma grande infraestrutura viária, a que Távora chama “obra de arte”.¹¹⁰

É portanto a área do planeamento aquela com que Távora mais se envolve nesta universidade, nomeadamente, descreve a exposição – “Philadelphie Panorama” – que visitou, tendo-se interessado sobretudo pelos sectores dedicados ao trânsito, população e urban renewal. Devo lembrar que no Porto se reflectia sobre o problema das ilhas e da necessidade da sua renovação. Os equivalentes americanos das Ilhas, os “slums”, eram motivo de estudo há décadas.

Nesta escola, o encontro com o arquitecto Louis Kahn, apesar de muito breve, foi, provavelmente, o que mais marcou Távora.

Ouviu o professor Kahn, durante um almoço de professores em que esteve presente e onde se discutiram assuntos da escola, e assistiu a uma aula de Kahn sobre templos romanos.

¹⁰⁷ *Ibidem*

¹⁰⁸ Sergio Fernandez, *idem*, pag.111.

¹⁰⁹ Fernando Távora, “Há especialistas em tudo e cada um estuda o seu campo com um pormenor e um requinte que assustam (Aliás os trabalhos, rapports, apresentações pelos alunos do prof. Crane já ontem me impressionaram pela especialização de cada um).”, *idem*, pag.040.

¹¹⁰ “A auto-estrada veste perfeitamente a paisagem e as obras de arte não chocam”, *ibidem*, pag.031.

Sobre este curto contacto pode dizer-se que Távora se identificou com o discurso do professor, quando, na aula, este levanta a questão da integração das 3 artes. Távora está, não só, de acordo com o princípio que ...” a decoração nascerá com o tempo, naturalmente, e que o primeiro e mais elementar elemento decorativo é a junta (quer no sentido da mudança de material, quer no sentido de mudança de planos)”¹¹¹, mas também, é interessante perceber uma aparente satisfação ao concluir, no Diário, que “dum modo geral agradou-me imenso ver uma coincidência de pontos de vista entre as minhas ideias gerais e as ideias claras do prof. Louis Kahn.”¹¹²

Esta sintonia com um *grande* professor e arquitecto e o registro do facto no Diário, é sintomático da vontade em se *firmar* como arquitecto, no sentido em que encontra ali, através do discurso de outro, os valores, conceitos e instrumentos de projectar e planear em que acredita. Além disso, esta concordância com o professor Kahn parece demonstrar que ele próprio está a caminhar no sentido de se tornar, também, um bom pedagogo.

Távora poderá ter duvidado, em determinadas alturas da sua vida, se tinha capacidade para ser um bom arquitecto, facto que chega a anotar neste Diário e que reafirmou mais tarde em entrevista¹¹³, mas o seu percurso como professor parece ter sido sempre aceite de forma mais tranquila e natural.

NOVA IORQUE

Em Nova Iorque visita a “City Planning Commission” e, mais uma vez, tem acesso aos estudos de “zoning”, ou seja, tipos de ocupação do solo, densidade populacional, “land use”, espaços verdes, cércias, etc. A Instituição elaborava programas para pequenas zonas a urbanizar a que Távora chama a “gestão de massas”¹¹⁴. Concretamente, descreve o trabalho intenso de investigação, mas transmite alguma frustração por lhe parecer que o produto desse esforço não tem resultados evidentemente práticos. Dessa “Comission” não teria surgido, até então, nenhum plano ou proposta concreta para a cidade e toda aquela informação, que lhe parecia excessivamente burocrática, servia apenas como orientação ou programa de intenções.

Távora vai concretamente à procura de respostas. A simples identificação dos problemas e da sua análise exaustiva, sem a produção de respostas e soluções parecem cansá-lo.

Na “Regional Planning Association” e provavelmente para evitar ser de novo assoberbado por estudos e estatísticas, pede para que lhe sejam mostradas ...”três coisas: problemas, soluções, tipos

¹¹¹ *Ibidem*, pag.043a.

¹¹² *Ibidem*

¹¹³ Fernando Távora, “Ah sim, foi terrível. Quando leio agora o diário que escrevi nessa altura, a sensação que tenho é a de um tipo que falhou totalmente. Foi um problema de formação. E a minha dificuldade qual era? Precisamente a incapacidade de exprimir graficamente, em termos de espaço, de Arquitectura, aquilo que sabia.”, “Entrevista”, in *Arquitectura, Arquitectura Planeamento Design Artes Plásticas*, nº.123, *idem*, pag.151.

¹¹⁴ Fernando Távora, *Diário 1960*, *idem*, pag.062a.

de actividades da organização”¹¹⁵. Esta instituição trabalhava em associação com a Universidade de Harvard e o seu trabalho de investigação teria maior valor moral, sendo mais informativo e orientador do que legislador.

Numa outra instituição – a “Westchester County Department of Planning” – Távora constata a extensa quantidade de material de investigação que constituíam as bases dos sistemas de planeamento. “As bases de trabalho desta gente são magníficas: bons [censos], bons levantamentos, boas cartas de análise dos terrenos, etc. e até, coisa curiosa, um Inquérito às construções de todos os aglomerados feito por uma companhia de seguros, inquérito que é actualizado por funcionários da companhia todos os anos!”¹¹⁶

Se por um lado é possível perceber uma certa tristeza nas palavras de Távora quando compara a qualidade dos sistemas de planeamento americanos e o amorismo com que este tema era avaliado em Portugal. Por outro lado, os relatos que vai deixando no Diário, sobre as cidades percorridas, parecem contrastar, pela negativa, com o rigor científico dos estudos elaborados mas de aparente e relativa ineficácia.

A quantidade de informação que recebe é, de facto, brutal, porque toma contacto com todo o tipo de elementos - planos, programas, estatísticas, censos, etc - em todas estas instituições, em bibliotecas como a “New York Public Library”, consultando bibliografia vária sobre urbanismo e sociologia urbana, ou, finalmente, porque parte do seu orçamento está destinado, por si, à compra de publicações que considera importantes para a compreensão do tema, ou porque terá interesse para o planeamento em Portugal.

Nas décadas de 60 e 70 as questões emergentes da sociologia urbana iriam preencher grande parte do campo de interesse de arquitectos e urbanistas, com especial atenção dada ao problema da habitação.

Da “Columbia University” em Nova Iorque julgo que o que mais marcou Távora foi a convivência com o Eng. Mário Salvadori, professor da disciplina de estruturas, porque lhe permitiu o contacto com projectos de arquitectos de renome, como Gropius, José Luís Sert ou os Skidmore, Owings and Merrill (SOM).

Assistiu a um seminário onde o professor responsável convidava especialistas sobre “Urban Planning” para apresentarem, aos alunos, os resultados das suas pesquisas e estudos científicos. Mais uma vez Távora regista o relacionamento próximo entre a educação e a formação dos futuros arquitectos e “planners” e a investigação científica nessas áreas. As universidades americanas eram simultaneamente palco para as actividades do ensino e da investigação.

Como exemplo prático desta realidade, na disciplina de “Architectural Practice”, cada aluno era obrigado a justificar a proposta apresentada com a apresentação de resultados de investigação

¹¹⁵*Ibidem*, pag.071a.

¹¹⁶*Ibidem*, pag.083a.

que desenvolvia em paralelo, durante o ano lectivo. Ambos eram avaliados e a ambos era dada a mesma importância.

Por via do Eng. Mário Salvadori, Távora visitou o escritório dos SOM. Julgo que terá sido o primeiro contacto com um escritório de grandes dimensões. Os arquitectos Skidmore Owings and Merrill produziam, nas palavras de Távora, arquitectura ...“em massa com nível. Vi várias coisas deles – que não são obras geniais, mas são obras de qualidade.”¹¹⁷

Foi-lhe explicado todo o funcionamento de um escritório onde os custos eram estudados ao pormenor onde os orçamentos eram calculados em função das despesas estimadas para o trabalho, e nenhum prazo era ultrapassado. Esta máquina de produzir arquitectura geria em 60, quarenta projectos só no escritório de Nova Iorque. Os trabalhos e as despesas a ela associadas eram avaliados quinzenalmente através de fichas de horas que cada colaborador preenchia referindo o projecto em que tinha trabalhado.¹¹⁸ O número de funcionários era também controlado em função da quantidade de trabalho que tinham o que criava uma situação em que incluíam e excluía “escravos”¹¹⁹ sem qualquer tipo de problema. Este escritório investia, ainda, na apresentação dos projectos aos clientes – maquetas, desenhos realistas, etc.

Távora não demonstra qualquer tipo de fascínio por um sistema mais mecanicista como este dos SOM, a realidade surpreende-o pelo factor novidade, mas Távora parece acreditar que não é pela dimensão do escritório que surgem obras de verdadeira qualidade.

NEW HAVEN

Na “School of Art and Architecture” de Yale, Távora conheceu alguns dos mais influentes protagonistas da teoria da arquitectura e urbanismo e arquitectos conhecidos, pelas suas obras, a nível mundial. Paul Rudolph, Alejandro Óscar Solari, Christopher Tunnard e Boris Pushkarev, eram professores nesta escola e José Luíz Sert, Edouard Sekler e Vincent Scully, estiveram em conferências e seminários no mesmo período da estadia de Távora em Yale.

A escola de Yale, cujo edifício tinha sido projectado por Paul Rudolph, Dean em funções em 1960, mostrou-lhe, mais uma vez, a importância de um sistema de saudável intercâmbio, de professores e arquitectos entre as escolas e como, aparentemente, também ali, isso se fazia com alguma facilidade.

¹¹⁷*Ibidem*, pag.115.

¹¹⁸*Ibidem*, “Cada colaborador preenche uma ficha onde regista o número de horas e o trabalho. As fichas são mandadas para a IBM que calcula o andamento das despesas com cada trabalho, o que lhes permite confrontar a realidade com a estimativa feita e assim orientar o andamento dos trabalhos.”, pag.114a.

¹¹⁹*Ibidem*, “(aumentam e reduzem os escravos conforme as circunstâncias, sem qualquer dificuldade, disse-me porque todos os dias são (?) por gente interessada em trabalhar com eles).”, pag.114.

Rudolph era discípulo da escola de Gropius em Harvard, Távora anota a grande influência do Dean na orientação disciplinar da escola e mesmo uma certa tendência de *estilo* (de forma) nos projectos dos alunos do curso de arquitectura. “Um certo tipo de rudeza e nudez substitui a frieza do rigor racionalista. Há lugar para uma nova poética...”¹²⁰ Esta nova poética de que fala Sergio Fernandez estava bem presente na escola de Yale. Távora observa a alteração da *orientação* formal, que estava a acontecer na escola de New Haven registando no Diário que Mies começava a *perder terreno* para Rudolph.¹²¹ A observação de Távora reflecte bem a consciente percepção na

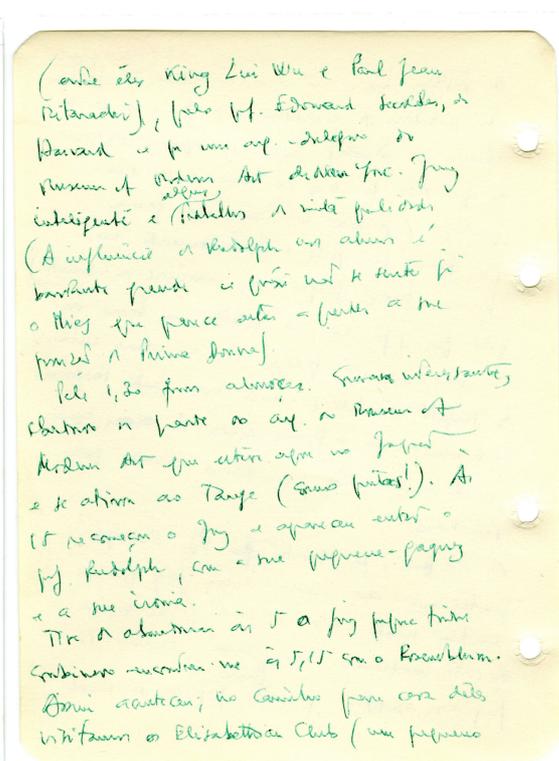


fig. 28 Diário de viagem, 1960, pag.142a, A.A.F.T.

evolução de propostas formalmente mais puristas, como as de Mies, para respostas mais “organicistas” ou “brutalista” como as de Rudolph. Távora assistia a esta transformação, que iria marcar um período de mudança na história da arquitectura. Ainda assim em 1960, era ainda muito recente a *corrente* “brutalista” caracterizada “mais pela qualidade expressiva da imagem do que pelos atributos da sua proposta espacial”.¹²²

Talvez por essa razão, aos olhos de Távora, a arquitectura de Rudolph *pecava* porque era extremamente decorativa/figurativa. Transcrevendo uma conversa com prof. Eduard Sekler, que conhecia do CIAM de Otterlõ, Távora usa “o aforismo do Francisco de

Holanda – “o decoro é o que se deixa de fazer”¹²³ para explicar, pela negativa, o que pensa da

arquitectura de Rudolph. A descrição do edifício da “Forestry School”, de Paul Rudolph, chama, mais uma vez, a atenção para essa característica. “Há muito de decorativo (disse-me o rapaz que a intenção das colunas eram “sugerir” árvores, seria?), mas há também qualquer coisa de arquitectura. Há imaginação, há domínio espaço, há clareza na técnica da construção”.¹²⁴

¹²⁰Sergio Fernandez, *idem*, pag.95

¹²¹Fernando Távora, “(A influencia de Rudolph nos alunos é bastante grande e quase não se sente já o Mies que parece estar a perder a sua posição de Prima Donna).”, *idem*, pag.142a.

¹²²Sergio Fernandez, *idem*, pag.95

¹²³Fernando Távora, *Idem*, pag.162.

¹²⁴*Ibidem*, pag.144a.

1^o 1: *Mapas - master plan*
 (cont 10-20.000 habitantes) | *important*
subir
depois

2^o 2: *Mapa - submission -*
of land | *aspectos (visões)*
regulamentação -
tr. ed. agr. etc.

3^o 3: *Plan for a center of city* (one block or
 (city or out of) - (comp.))
study c. programme data

4^o 4: *Part of a urban plan -* (land use)
 (Bureau of Highway Traffic) -
apresentando com estudo de mapas

5^o - *Regional problem (all of the state of*
Connecticut. (Physical development of
the state of Conn.) - policy, land
use, traffic, development plan -

6^o *thesis -*
problem (do curso a City Planning
1960)

| *important*

fig. 29 Diário de viagem, "Trabalhos práticos do Curso de City Planning Yale, Março, 14, 1960", pag.134a, A.A.F.T.

Dois homens do urbanismo Christopher Tunnard (landscape architect) e Boris Pushkarev, mostraram-lhe como era gerido o curso de “City Planning”¹²⁵ e apresentaram-lhe aquilo que julgo, seriam as bases do livro que iriam publicar em 1963 com o nome “Man-Made America – Chaos or Control?” um completo estudo sobre a relação dos grandes eixos viários com a paisagem. Mais uma vez, Távora lamenta que o mesmo ainda não estivesse a ser feito em Portugal e que um estudo deste tipo seria de todo o interesse para o país.

O professor Boris Pushkarev guiou Távora em visita ao edifício de City Planning, tendo-lhe apresentado, com rigor¹²⁶, o funcionamento do curso, que era realizado na sequência de outros cursos – uma espécie de pós-graduação. Para além de arquitectos, frequentavam-no, por exemplo, economistas e sociólogos; insistiam mais nas questões do desenho para os não - arquitectos e mais na teoria para os arquitectos.

A escola de Yale tinha uma forte componente urbanística quer na importância dada a estas disciplinas no ensino, quer no campo da investigação. Távora conheceu o professor argentino, Alejandro Óscar Solari que, na época, era “research associate de City Planning” e tomou contacto com o estudo, para a localização e implantação de Brasília, por ele realizado, num período de 10 meses, nessa universidade. Este estudo terá partido de um detalhado levantamento aéreo da área que lhes permitiu avaliar tipos de solo, regime de águas, riqueza do sub-solo, clima, vegetação, etc...¹²⁷ Creio que esta realidade e esta escala são absolutamente novas para Távora – talvez a escala de Brasília fosse uma escala difícil de abarcar, para qualquer arquitecto ou urbanista em 1960. Apesar de tudo Távora já tinha tido contacto com o plano de Brasília uma vez que tinha sido (...) “em 57, rapidamente divulgado entre nós como proposta de grande interesse.”¹²⁸

O trabalho da equipa em que trabalhou o prof. Alejandro Óscar Solari determinou todas as características do lugar e expôs todas as suas condicionantes. O projecto de Lúcio Costa soube, com aparente simplicidade, compreender e integrar os dados do sítio no desenho.

O caso de Brasília, talvez por ter envolvido esta equipe americana de investigação na determinação da sua implantação, e pela figura do arquitecto responsável pelo projecto – Lúcio Costa – será no percurso profissional de Távora, mas sobretudo como professor, uma das referências determinantes nas suas aulas.

Távora olhou para este estudo como uma metodologia a seguir em Portugal. “Aí está um trabalho que poderíamos fazer nas nossas regiões mais importantes ou até em todo o país, com vista a um indispensável Plano Nacional (Quanto eu tenho pensado em Portugal, quanto eu tenho traduzido em português o que aqui tenho

¹²⁵Fig.29 – “Trabalhos práticos do Curso de City Planning Yale, Março, 14, 1960” *Ibidem*, pag.134a.

¹²⁶*Ibidem*, Programa do curso de “City planning” pag.134.

¹²⁷*Ibidem*, “é em verdade extraordinário como uma sábia interpretação da fotografia aérea, com um mínimo trabalho de campo, fornece elementos do maior valor.”, pag.147a.

¹²⁸Sergio Fernandez, *idem*, pag.99.

visto e ouvido, quanto eu me sinto cada vez mais agarrado a todos os nossos problemas, a todas as nossas dificuldades e a todas as nossas esperanças!) »¹²⁹

Em 1960 o Ministério das Obras Públicas iniciaria, em Portugal, a elaboração dos planos para as regiões de Aveiro, Algarve e Lisboa.¹³⁰ Távora irá estar ligado à renovação do centro urbano de Aveiro, seria talvez interessante perceber, numa investigação futura, se os conhecimentos adquiridos nos EUA tiveram algum peso nesta participação.

Em Yale, Távora assistiu ainda a uma aula de “Basic Design 11” do curso de pintura e escultura que, segundo a descrição do próprio faz lembrar, o 1º trabalho do programa, adoptado mais tarde, na Escola do Porto, para a disciplina de projecto do I ano do curso de arquitectura.¹³¹ Utilizando um mesmo “módulo”, por repetição, os alunos iam pela primeira vez, construindo e organizando o espaço, mesmo que de forma abstracta, mas tendo como preocupação central, a composição e a estruturação de relações entre volumes e vazios.

Esta escola não só chamava professores de outras escolas para compor Júris de avaliação de trabalhos de alunos como o prof. Edouard Sekler, mas também promovia conferências com professores de fora, como José Luíz Sert e Vincent Scully, às quais Távora assistiu. Estas experiências tiveram bastante impacto em Távora sendo uma das mais evidentes a aula de Vincent Scully sobre “Greek Planning”. A descrição da aula¹³², no Diário, reafirma a importância que dava à história da arquitectura e ao período clássico Grego, e chama a atenção, não só para o método de ensino, mas também para a forma como o professor expõe o tema com base em interpretações mais espaciais que tectónicas. Embora não conhecesse o professor, no dia em que foi dada a aula, não deixou de anotar, a lápis, mais tarde - “Vincent Scully” - na margem da folha onde descreve tão marcante aula.

¹²⁹Fernando Távora, *idem*, pag.148.

¹³⁰Sergio Fernandez, *idem*, pag.116.

¹³¹Fernando Távora, “São os primeiros contactos dos alunos com os processos e técnicas de organização do espaço. Começam em geral com trabalhos a duas dimensões (um motivo curvo ou um motivo linear repetido, a preto ou a cor) e passam depois a três dimensões (barro, pauzinhos, cimento, etc.)... (mostrou também algumas colagens feitas com recortes de revistas, letras, caras, carros, etc., e, que o motivo inicial se despersonaliza para participar na criação de motivos novos”, *idem*, pag.141.

¹³²Fig.30 – “Às três horas o curso deslocou-se para o edifício da escola de Arquitectura onde assistimos a uma lição impressionante de um tipo cujo nome não fixei sobre “Greek Planning”.

Um perfeito barra na matéria (que julguei um aluno quando entrei na sala), muito claro, muito expressivo e que falou cerca de hora e meia na base de uma magnífica colecção de diapositivos (por vezes é frequente projectarem ao mesmo tempo com duas máquinas!)

Começou a expor o tipo de paisagem grega para (procurar?) demonstrar que dum modo geral a localização dos templos (por razão de ordem religiosa) é função dessa mesma paisagem.

Acentuou o pouco ou nenhum valor de espaço interno no templo grego e o desinteresse dos gregos pelo espaço externo (em contraposição com os romanos em que os edifícios funcionam como paredes que definem espaços externos), funcionando os templos como grandes esculturas colocadas no espaço em função da paisagem.

Foi uma magnífica lição, seguida ainda de mais de meia hora de troca de impressões com os alunos e o prof. Tunnard.”, *Ibidem*, pag.146 e 146a.

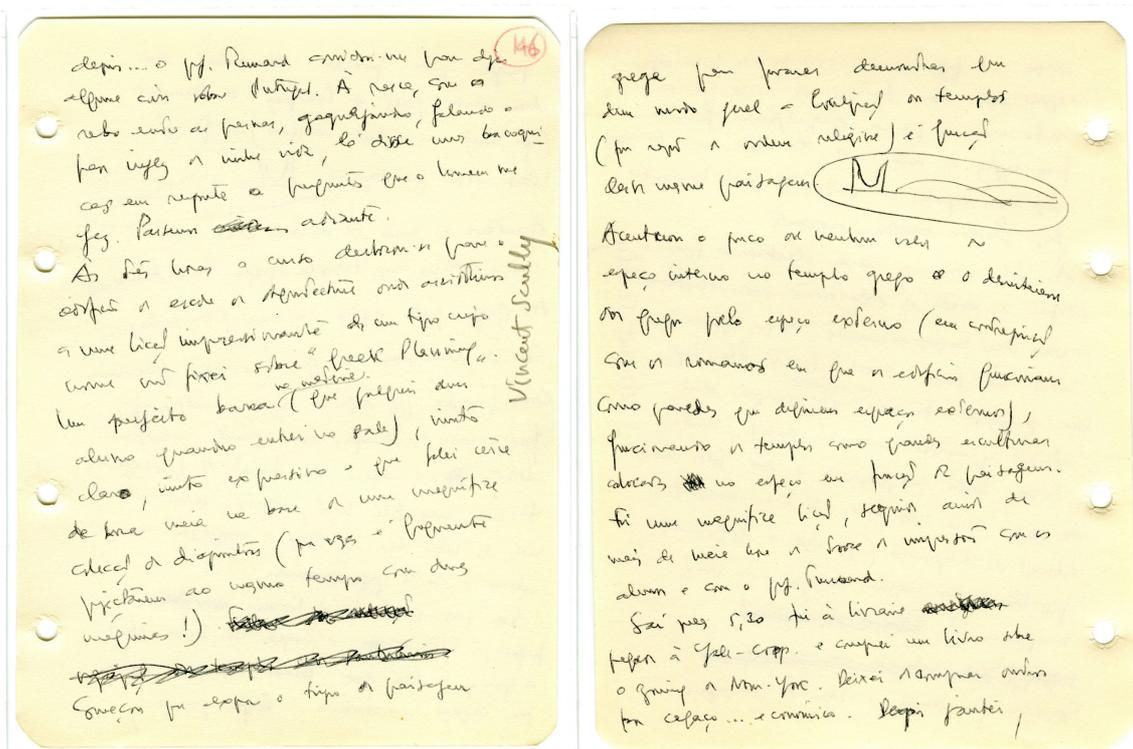


fig. 30 Diário de viagem, 1960, pag.146 e 146a, A.A.F.T.

BOSTON

Na “Graduate School of Design” de Harvard, Távora volta a encontrar Sekler e Sert, a leccionar nessa escola. José Luiz Sert era o Dean em funções desde 1953, um arquitecto que estava muito ligado aos problemas do urbanismo e da cidade, extremamente preocupado com a relação entre a arquitectura moderna e o planeamento urbano, e que tinha um papel importante nos CIAM, tendo exercido funções de presidente nestes congressos de 1947 a 1956.

Távora apercebe-se que os professores da escola não se interessam só pelas questões da arquitectura e do design. Existe já uma consciência bem formada dos problemas socio-económicos, viários ou populacionais que condicionam a produção arquitectónica e urbanística.¹³³

Em conversa com o Professor Sasaki, um “landscape architect”, ficou a saber que esta especialização tinha, ainda, contornos pouco definidos e que as suas funções se situavam entre o trabalho do arquitecto e do urbanista (“city planner”). De qualquer modo era exigido a estes arquitectos da paisagem, uma grande especialização quer a nível do “design” quer a nível das questões mais técnicas como os sistemas de abastecimento e recolhas de águas ou o conhecimento das espécies de plantas.

¹³³ “É muito interessante a latitude crítica dos professores: vai desde o problema do design aos problemas socio-económicos passando pelos problemas dos transportes, etc. É exigir uma extraordinária ginástica mental.”, *Ibidem*, pag.170.

Se, por um lado, Távora parece concordar com este sistema de ensino mais especializado ou, mais científico, por outro lado, contradiz-se ao afirmar que (...)“apesar de tudo prefiro os Jardins da Quinta da Conceição feitos pelo Fernando de Oliveira, o Sr. António e eu. Há ali uma santa Ignorância e uma “[faucherie]” que estes amigos desconhecem, a projectar jardins em série numa sala com ar condicionado...”¹³⁴, ou seja, projectar com base na prática e a experimentação do lugar.

Távora oscila muitas vezes entre o que considera ser um sistema de ensino enriquecedor que descreve pela extraordinária latitude crítica dos professores, demonstrando a sua vasta e abrangente amplitude de conhecimentos e grau de especialização e, ao mesmo, em algumas circunstâncias parece não encontrar nesse processo, qualquer interesse para a prática.

Apesar de dar valor a toda a investigação e transmissão de conhecimento pluridisciplinar, descobre nesse trabalho, mais teórico/utópico, uma espécie de vazio operativo, preferindo sempre uma abordagem mais empírica.

Mais uma vez, talvez seja esta conclusão, concordante com os princípios adoptados pela Escola de Belas Artes, uma das razões porque a *viagem científica* terá ficado no papel, sem consequências drásticas e directas no sistema de ensino da escola portuense.

A sua visita ao “City Planning Board” de Boston veio confirmar a importância dos promotores imobiliários privados na construção e crescimento da cidade, e a sua intervenção decisiva face ao planeamento. Os planos para a cidade de Boston e para outras cidades americanas dependiam, de facto, do investimento privado para vingarem. Parte do trabalho destas instituições públicas e dos escritórios de arquitectura dependia da necessidade de passar a mensagem ao cliente.

Nas suas incursões a escritórios de arquitectura, tomou contacto com o mundo da propaganda arquitectónica cultivado, logo desde a escola, no esforço de apresentação de um trabalho final, ou, como profissional, para um cliente concreto. Perspectivas dos projectos com a inserção de imagens de pessoas, árvores ou automóveis procuravam dar certo realismo aos desenhos. Esta fase dos projectos, considerada então importante, é desvalorizada por Távora que comenta com ironia que mesmo Gropius não é excepção “Boas perspectivas, à americana, com automóveis, tipos de bigode e óculos no primeiro plano, árvores e fontes (pareceu-me que não tinham passarinhos).”¹³⁵.

O papel da publicidade e da propaganda será referido noutras ocasiões e olhado sempre como algo artificial e talvez mesmo supérfluo. Esta característica é, observada e criticada, a todos os níveis da vida americana, desde a alimentação até à arquitectura, passando pelos automóveis ou o mercado imobiliário. Neste ponto Távora e Luís Fernandes Pinto estão de acordo.

¹³⁴*Ibidem*, pag.172.

¹³⁵*Ibidem*, pag.170a.

O carácter propagandístico da arquitectura em Portugal tinha conotação negativa. Era por um lado símbolo do poder do Estado opressor e, por outro lado, representativo da *falsa nacionalidade* contra a qual Távora vinha escrevendo desde o seu texto de 47.

CAMBRIDGE

No “Massachusetts Institute of Technology (MIT)”, é no departamento de City Planning que passará grande parte do tempo. Sem tempo para guiar Fernando Távora pela universidade o Dean em funções, o Prof. Pietro Belluschi “encontrou uma vítima”¹³⁶ – o prof Kevin Andrew Lynch - a quem *entregou* o arquitecto português.

Com Kevin Lynch discutiu o problema da imobilidade dos planos como uma das problemáticas centrais do planeamento. Kevin Lynch publicará, nesse mesmo ano, o livro que se iria tornar obra de referência nos anos seguintes. Em “The Image of the City”, reflectirá sobre a forma urbana, com base no estudo concreto de três cidades americanas (Boston, Jersey City e Los Angeles).¹³⁷

Com o prof. John T. Howard conversou sobre a relação entre planeamento e democracia – as vantagens, inconvenientes, incompatibilidades e timings. A discussão sobre o “planeamento democrático” em Portugal, só será olhada com objectividade, muito mais tarde, no âmbito do projecto SAAL.

Uma das consequências deste “modelo” de planeamento, eram os extensos núcleos suburbanos que circundavam as grandes cidades. Nos subúrbios, o aproveitamento territorial - a rentabilização do solo - eram compensados financeiramente, pela ausência de infraestrutura pública. O espírito do pioneiro ainda subsistia na mentalidade americana e não fazia sentido construir casas de fortes alicerces e espessas paredes, reduzindo assim os custos de construção, se a ideia não era permanecer muitos anos no mesmo lugar. Além disso os subúrbios permitiam uma melhor qualidade de vida em família, porque tinham espaços verdes, segurança para os filhos, etc.

No “Joint Center for Urban Studies” do MIT conheceu, entre outros, o Prof. Martin Meyerson, Serge Chermayeff, o prof. Walter F. Bogner e um arquitecto argentino que estava a fazer um estudo sobre cidades da América do Sul. Em conversa com o prof. Bogner ficou a saber que o objectivo do curso de Harvard era “preparar intensamente os alunos em matéria de design – consideradas todas as suas implicações da mais variada ordem – e prepará-los para uma boa colaboração com os técnicos especializados.”¹³⁸

¹³⁶*Ibidem*, pag.188.

¹³⁷Kevin Lynch, *The Image of the City*, 1960, pag.V.

¹³⁸Fernando Távora, *idem*, pag.169.

Távora refere, concretamente, o encontro com um jovem colaborador de Chermayeff, “Espírito confuso mas inteligente (tipo Arnaldo Araújo) o rapaz (inglês, formado em matemática e agora em arquitectura, com ar de criança louca”¹³⁹, que estava a desenvolver um estudo com base científica na matemática e que procurava “prender os arquitectos e evitar devaneios. Uma espécie de ciência da casa. [...] Alvo fundamental: evitar a arquitectura decorativa, brincalhona, aspecto que começa a preocupar esta gente.”¹⁴⁰ Embora Távora não refira o nome deste “rapazinho despenteado” como lhe chama, é bem possível que se tratasse de Christopher Alexander que iria publicar em 1964 “Notes on the Synthesis of Form” ensaio onde “formulava uma grelha de possibilidades de adequação entre forma e função, recorrendo a processos matemáticos.”¹⁴¹ Sabe-se que de facto Christopher Alexander esteve neste “Joint Center” de 1959 a 63. Depois de uma longa conversa sobre o trabalho, em que Távora se mostrou interessadíssimo, o jovem matemático /arquitecto pediu-lhe permissão¹⁴² para utilizar, num livro que iam publicar, ele e o Chermayeff, uma expressão que Távora tinha usado durante a conversa – “olhou para o tecto e disse-me: “esta sua expressão joke é maravilhosa!”¹⁴³. Sabemos que a sua tese (Phd) foi publicada mais tarde, com título do livro referido. Seria interessante descobrir que Távora teve de facto uma pequena colaboração na elaboração de um trabalho de referência como foi o de Christopher Alexander.

O tempo que passou nas escolas de Harvard e do MIT dedicou-o, também, a assistir a aulas como a do seu amigo Sekler, de História da Arte sobre a renascença; ou a júris de avaliação de trabalhos, tomando notas sobre os programas de trabalhos pedidos, sobre as apresentações e as críticas dos professores.



fig. 31 Fotografias tiradas por Eduard Sekler, “Harvard, end of March 1960”, A.A.F.T.

¹³⁹*Ibidem*, pag.164.

¹⁴⁰*Ibidem*, pag.164a.

¹⁴¹José António Bandeirinha, *idem*, pag.21.

¹⁴²Fernando Távora, “Pedi-me licença para utilizar a minha expressão “joke” no livro que vão publicar. Autorizado (começo a duvidar se o tipo além de despenteado não será mesmo louco!).”, *idem*, pag.173.

¹⁴³*Ibidem*, pag.164a.

CHICAGO

O período de Chicago é bastante rico. A cidade é um laboratório de ensaio de arquitectura, sobretudo, e na opinião de Távora, de boa arquitectura de finais do século XIX e primeiras décadas de 1900, é lugar de experiência da arquitectura moderna (habitações, edifícios de escritórios, etc), é palco das primeiras obras de Frank Loyd Wright e é a cidade onde se encontrava o “Illinois Institute of Technology - IIT” - a *escola* de Mies Van der Rohe.

Em Chicago, tem encontro marcado com mais duas instituições a “American Society of Planning Officials” que é não-governamental e a “City Planning Commission”. A primeira tinha como função criar laços entre todos aqueles envolvidos na discussão e planeamento da cidade. O seu trabalho consistia ainda na publicação das conclusões com pontos de situação anuais sobre essas temáticas e discussões.

A City Planning Commission tinha objectivos operativos mais concretos. Nesta instituição Távora tomou contacto com o plano para a área de Chicago, um plano ambicioso que visava ser concluído até 1980 (num longo período de 20 anos). Era “fundamentalmente um Plano de Urban Renewal e de comunicações”¹⁴⁴, direccionado para a revitalização do núcleo da cidade, da renovação urbana e dos sistemas de transportes viários e ferroviários.

Mais uma vez constata que o planeamento fora dos limites das cidades se tornava impraticável. Foi-lhe transmitida a ideia da dificuldade de por em prática o (...) “planeamento inter – cidades ou inter – estados, ou regional ou nacional é muito difícil dada a incompatibilidade que em muitos espíritos (quase todos) existe entre “planning” e “democracy”, o que obriga cada cidade a tentar resolver individualmente os seus problemas. Chicago no entanto tem uma Metropolitan Commission que tenta ver os problemas no conjunto dos vários (governments?) que actuam em Chicagoland e que devem ser umas boas centenas.”¹⁴⁵ Chicago tinha então encontrado o instrumento unificador que, aparentemente, era capaz de coordenar o planeamento de grande escala. Apesar desta aparente eficácia, Távora parece céptico face à capacidade de concretização de planos tão ambiciosos escrevendo “uma magnífica maquete do tal “Chicago-1980” sobre cuja realização integral me permito duvidar”.¹⁴⁶

Uma das duas semanas que passará em Chicago será dedicada ao departamento de arquitectura e design do “Illinois Institute of Technology – IIT”. A escola de Arquitectura do IIT era então uma escola com forte tendência germânica como constata Távora. “o IIT em matéria de arquitectura é “germânico” - Mies, Hilberseimer, Moholy-Nagy, - Bauhaus]”¹⁴⁷ muitos dos “protagonistas dos movimentos de vanguarda que são despedidos, expulsos, ou simplesmente fogem da Alemanha durante os “fatídicos anos 30.”¹⁴⁸

¹⁴⁴*Ibidem*, pag.282.

¹⁴⁵*Ibidem*, pag.283.

¹⁴⁶*Ibidem*, pag.283a.

¹⁴⁷*Ibidem*, pag.262a.

¹⁴⁸José António Bandeirinha, *Quinas Vivas*, pag.25.

O Departamento de arquitectura funcionava no “Crown Hall”, edifício que fazia parte do campus universitário e que tinha também a assinatura do arquitecto Mies Van der Rohe. Aqui a influência formal do Mies era muito forte.

Távora anota desapontado, o facto de os trabalhos da disciplina de projecto de arquitectura serem (...) “fielmente inspirados ou copiados (tal a fidelidade) nas coisas do Mies; os de Urbanismo, exactamente o mesmo em relação a Hilberseimer.”¹⁴⁹ Os alunos seguem à risca a linguagem formal do mestre sem o questionarem, inovarem ou alterarem, nem no mais pequeno detalhe. Não há dúvida que Távora desaprova o sistema de ensino ou não fizesse questão de transcrever com ironia a frase que Mies Van der Rohe terá dito ao Philip Johnson: “It’s better to be good than to be original”.¹⁵⁰

Sobre esta questão, Campos Matos tinha já escrito, num contexto de crítica à linguagem Moderna, que era comum (...)“apelidar de “revisteiras” certas realizações superficiais e inconsistentes que exprimem flagrantemente um lamentável desconhecimento da significação essencial do fenómeno arquitectónico, feitas com menor ou maior habilidade de colagens, arrancadas ao conhecido vocabulário que o movimento moderno formou”¹⁵¹. Aparentemente a escola de Chicago estaria a promover entre os alunos esse vazio ideológico, compensado pelos modelos formais *Miesianos* e desculpado com a aparente falta de motivação para explorar soluções alternativas¹⁵². Távora anota no Diário a descrição de uma avaliação de trabalhos de alunos em que quatro programas distintos como, um museu de pintura moderna, um edifício de habitação, um auditório e um jardim zoológico podiam ser tão formalmente idênticos - “Uma caixa em vidro, com estrutura em aço ou betão e coisas metidas lá dentro”.¹⁵³



fig. 32 e fig. 33 slides, Interior do Crown Hall – IIT, Chicago, A.A.F.T.

Nos finais da década de 50 muitos foram os textos que reflectem esta preocupação. O texto apresentado pela participação portuguesa no CIAM X de Dubrovnick, em 1956, refere no ponto “d” que “A posição do arquitecto que não é mais o ditador que impõe a sua própria forma, mas o homem (...), que

¹⁴⁹Fernando Távora, *idem*, pag.259.

¹⁵⁰*Ibidem*, pag.261a.

¹⁵¹A. Campos Matos, *Algumas considerações sobre problemas de arquitectura contemporânea*, 1959, pag.9.

¹⁵²Fernando Távora, “Parecem estar satisfeitos com o Mies como “fonte de inspiração”, mas também me parece nunca terem pensado muito no dilema Mies-Wright.”, *idem*, pag.264.

¹⁵³*Ibidem*, pag.261a.

se dedica aos problemas dos seus semelhantes não para se servir, mas para os servir, criando assim uma obra talvez anónima mas apesar de tudo intensamente vivida.”¹⁵⁴

O percurso de Távora até então, como arquitecto, indicava exactamente uma postura oposta à de Mies e concordante com a defendida em 1956. Caminhava para uma “autenticidade procurada” onde era (...)“nítido o “enraizamento””¹⁵⁵

Sobre o período nesta escola, fica ainda uma comparação curiosa que Távora registou num pequeno cartão de visita e que espelha, tanto a reacção à obra do Mies e a apreciação inequívoca pelo trabalho de Wright, a fazer lembrar, mais uma vez, a História de Zevi; como o período da história da arquitectura em que, depois da crise do Moderno, se procuravam referências motivadoras para a significação da arquitectura. As questões do *enraizamento*, do significado do lugar, da circunstância do projecto, etc. tinham sido temas recorrentes nos textos de Távora.

Esta comparação é no entanto paradoxal. Por um lado é o reflexo inequívoco de uma postura muito consciente dos valores e fragilidades da racionalidade formal da obra de Mies face à arquitectura orgânica de Wright, e com a qual, parece identificar-se.

Por outro lado, na lista¹⁵⁶ que irei transcrever, Távora não parece tomar nenhum partido claro, no que respeita às características que cabem a cada um dos arquitectos.

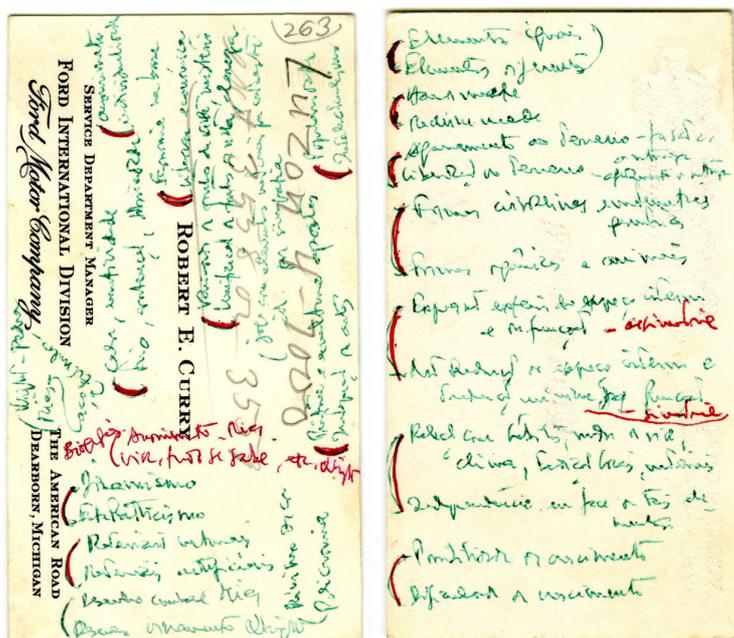


fig. 34 Diário de viagem, 1960, pag.263 e 263a, A.A.F.T.

¹⁵⁴“X Congresso CIAM”, in *Arquitectura* nº. 64, Lisboa, 1959

¹⁵⁵Sergio Fernandez, *idem*, pag.127.

¹⁵⁶Fig.34 – Fernando Távora, *idem*, pag.263 e 263a.

“Wright – Pedra (túmulos?) Mies – aço	Materiais artificiais
Calor, (emotividade?) Frio, contenção, (sobriedade?)	Desenho (central?) Mies Desenho (ornamento?) Wright
(Anonimato?) Individualidade	(Mimetismo?) da cor Policromia
Economia na base Liberdade económica	Elementos Iguais Elementos diferentes
Variedade de pontos de vista, mistério Unificação dos pontos de vista, clareza	Hand made Machine made
Jogo com (elementos?) materiais por contraste id. por simpatia	(Agarramento?) ao terreno – fusão (com a?) natureza Libertação do terreno – afastamento da natureza
Popularidade Intellectualismo	Formas (cristalinas?) (envolventes?) (?) Formas orgânicas e (?)
Pintura e escultura apostas Integração das artes	Expressão exterior do espaço interno e da função – (assimetria?) Não tradução do espaço interno e tradução mínima (da?) função – simetria
Biografias Anonimato – Mies Vida, tudo se sabe, etc. Wright	Relação com hábitos, modos de vida, clima, tradições locais, materiais Independência em face de tais elementos
Dinamismo (Estaticismo?)	Possibilidade de crescimento Dificuldade de crescimento”
Materiais naturais	

As arquitecturas de Wright e Mies adjectivadas desta forma são ambas válidas, tudo dependerá da circunstância.

Em alguns dos pontos comparados sente-se a necessidade de extremar posições para que se sintam claramente os opostos entre os dois arquitectos. Por vezes esse facto cria algumas dificuldades quanto ao entendimento das características que cabem a cada um.

A comparação entre estes dois arquitectos reflecte ainda uma posição ambígua que corresponde a um estado de permanente procura, do seu próprio caminho como arquitecto, e sobretudo do percurso da arquitectura portuguesa face às novas exigências e consciências.

No mesmo edifício – o “Crown Hall” – num piso em cave, funcionava o “Institute of Design” criado por Moholy-Nagy e que se dedicava sobretudo ao “industrial design”. O instituto estava dotado de oficinas bem equipadas e ateliers que permitiam aos alunos desenvolverem objectos *reais* de uso corrente e experimentarem novas soluções para esses objectos. “Quanto às “formas” atingidas não me pronuncio até porque achei mais interessante o “processo” de criação do que os objectos criados.”¹⁵⁷

Na biblioteca do “Art Institute” consulta obras sobre Richardson, Sullivan e Frank Lloyd Wright. Esta incursão à biblioteca permite-lhe ainda, consultar outras obras importantes de Wright como a publicação de Warmuth editada na Alemanha em 1910. Távora preparava-se para ver

¹⁵⁷*Ibidem*, pag.261.

algumas obras de referência de Wright como a fábrica da Johnson Wax em Racine, a First Unitarian Church e Taliesin East. A estadia em Chicago permitir-lhe-á ainda a visita a Oak Park onde irá ver algumas das primeiras casas projectadas pelo arquitecto.

A sequência das visitas a universidades será interrompida, durante duas semanas, com a incursão a Taliesin West, alguns dias no México e um fim-de-semana em Los Angeles. Távora regressará à viagem de *estudo* e às actividades relacionadas com a bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian em S. Francisco, na Universidade de Berkeley.

S. FRANCISCO

A estadia em "Berkeley" é já o fim de um longo percurso de visitas às universidades, Távora estava cansado. As descrições no Diário limitam-se a meras listas de actividades e compromissos, sem qualquer apontamento detalhado sobre o funcionamento da escola e das disciplinas.

Sabemos que teve contacto com o chairman, De Mars com o qual conversou sobre a sua viagem e terá assistido a uma correcção de trabalhos que não descreve. Conheceu o prof. Violich e assiste a uma palestra (lecture) do "landscape architect" Christopher Tunnard que já conhecia de Yale (New Haven) e voltaria a ouvir em Tokyo.

Sobretudo, passou grande parte do tempo com dois professores. O prof. German Samper seu amigo colombiano, que estava de passagem, também, para o congresso de design em Tokyo, e Gustavo U. Da Roza "um rapaz português, de Macau" formado em Hong-Kong e que estava a leccionar na escola de Arquitectura de Berkeley, como "Instructor".¹⁵⁸

¹⁵⁸Fernando Távora, Carta para Maria Luísa, 8 de Maio de 1960

CONCLUSÃO

Desde a primeira à última cidade, Távora encontra nas universidades americanas cursos bem estruturados, com programas bem definidos e departamentos multidisciplinares exclusivamente dedicados à investigação científica no âmbito do tema – cidade. Nas instituições que vai visitando, encontra várias propostas concretas para o espaço urbano. Ao longo do percurso vai assumindo a importância dessa aproximação científica à cidade e do seu valor e interesse para Portugal.

A dúvida está em perceber se Távora terá tentado, de alguma forma, implementar algum destes métodos de ensino e de trabalho ou se, terminada a viagem, o seu percurso se direccionou para outra área, a outra escala, mais próxima do objecto de arquitectura sendo a cidade deixada para segundo plano.

Estranhamente, não parece que Távora tenha querido empenhar-se na tarefa de implementação dos métodos observados aquando o seu regresso a Portugal e à escola. Contrariamente ao que seria de esperar não existem, aparentemente, transformações radicais resultantes desta experiência.

A verdade, é que em Portugal se discutiam os problemas do funcionamento interno das escolas mas, como já foi referido, no caso da escola do Porto se caminhava, durante a década de 50, num sentido mais de contextualização e de integração da arquitectura com “vocaçãõ neo-realista”¹⁵⁹, que culminará com a publicação do “Inquérito à Arquitectura Popular Portuguesa” em 1961.

Talvez não tenha havido *tempo* nem oportunidade para que Távora pudesse extravasar o conhecimento adquirido.

Nesta perspectiva, é possível concluir, desde já, que a experiência de Távora nas escolas Americanas e todo o contexto científico que as envolvia não vingou na Escola do Porto.

A viagem no seu motivo (*agenda*) inicial falhou – falhou no sentido em que o valor disciplinar e pedagógico se esfumou depois da chegada a Portugal. Do meu ponto de vista esta poderá ter sido a razão principal pela qual Távora nunca terá entregue o relatório final à Gulbenkian.

O que Távora retira de positivo desta experiência é a qualidade das universidades, dos professores e até dos alunos americanos¹⁶⁰, ou mesmo aspectos reveladores do desenvolvimento universitário como o crescimento do número de mulheres à frente de lugares importantes e de investigação.

¹⁵⁹Jorge Figueira, *idem*, pag.49.

¹⁶⁰Fernando Távora, “É claro que os métodos de ensino, a categoria dos professores, o interesse e o nível dos alunos, etc., etc., não têm comparação possível com o que passa nesse triste e abandonado País. Segunda – feira e hoje de tarde assisti a aulas, respectivamente de Urbanismo e de Arquitectura, que igualmente me impressionaram muito [agradavelmente]. Perante a diferença de níveis que sinto entre isto e isso, pergunto-me se algum dia poderemos vencer a distância que nos separa!”, Carta para Maria Luísa, Filadélfia, 24 de Fevereiro de 1960.

A verdade é que as realidades académicas, portuguesa e americana, eram, então, incomparáveis.

Os Estados Unidos são então, sinónimo de progresso, de qualidade do ensino, da investigação e de investimento na cultura, nomeadamente em museus e, neste caso, os museus ligados às universidades. Mas são, também, sinónimo de pouca qualidade de vida nas cidades, de problemas habitacionais por resolver, poluição etc.

O que Távora constata nos EUA é que, embora apetrechadas de planos, as cidades americanas apresentavam graves problemas sociais muitas vezes derivados de más condições de habitação e uma má relação do construído com o sistema viário. A cidade americana estava longe de ser ideal.

Mas se, por vezes, Távora lamenta que Portugal estivesse tão atrasado, comentando mesmo desconfiar que alguma vez consiga recuperar o atraso e atingir o nível das escolas e instituições americanas nas áreas do urbanismo. Por outro lado parece continuar a preferir a simplicidade e a forma menos ortodoxa com que, em Portugal, se trabalha nestas áreas.

Pode dizer-se que Távora olha para as associações e instituições americanas de urbanismo, como instituições capazes de desenvolver estudos rigorosos e importantes para o planeamento da cidade, mas, ao mesmo tempo, com algum cepticismo no que respeita à capacidade de utilizar, toda a informação produzida para por em prática sistemas de planeamento mais eficazes e com resultados melhores. Comparando os estudos produzidos em enorme quantidade e os resultados da sua aplicação na cidade ou, por outra, da incapacidade da sua aplicação, conclui que, em muitos casos, existe, de facto, uma certa inoperactividade em todo esse trabalho de investigação.

“A CIÊNCIA, a ciência, a ciência...

Ah, como tudo é nulo e vão!

A pobreza da inteligência

Ante a riqueza da emoção!”¹⁶¹

Do mesmo modo, ao analisar os sistemas de ensino, que considera, na maioria das vezes, bons e estimulantes, não descobre na arquitectura construída respostas extraordinariamente inovadoras ou simplesmente interessantes. Todo o esforço na exploração de métodos de ensino e avaliação, parecem produzir arquitectos de qualidade equivalente a qualquer outra escola, com excepção talvez dos cursos de escultura.

Távora chega mesmo a comentar, em tom de desabafo, que depois de ver o que faziam os arquitectos “Bertrand Goldberg Associates”, “no fim de contas não sou tão mau como às vezes me pinto

¹⁶¹Fernando Pessoa, “A Ciência”, in *Poesias Inéditas*,

ou me pintam...esta visita aos U.S.A. têm-me provado que nesta terra donde tanto se espera há muitos, mas muitos, tipos ainda piores do que eu)”.¹⁶²

Na tentativa de perceber qual o impacto que esta viagem poderá ter tido na área do urbanismo, quer na escola, quer na prática do planeamento decidi fazer uma entrevista ao arquitecto Nuno Portas, por me parecer a pessoa ligada ao urbanismo que à época poderia ter percebido a importância desta viagem para a disciplina. Quando mencionei o assunto que me trazia, o arq. Nuno Portas disse que não podia ajudar-me porque, de facto, não se recordava que o arq. Távora tivesse realizado uma viagem aos EUA com o intuito de estudar os métodos de ensino da arquitectura e urbanismo. Estas declarações deixaram-me perplexa ainda mais porque Portas só se lembra de Távora referir esta viagem no contexto da obra de Frank Lloyd Wright, ou pela ida ao Japão. Quando referi qual tinha sido o objectivo inicial de Távora para esta viagem, que lhe proporcionou o encontro com muitos dos nomes da arquitectura e urbanismo de referência da época, Portas comentou que “provavelmente a ida ao Japão teria *abafado*” este primeiro período nos EUA e mostrou-se até surpreendido com este facto.

Sem qualquer certeza, podia sugerir que o lançamento das Provas de Concurso para a regência da disciplina de Urbanologia¹⁶³, em 1961-62 poderão ser uma consequência desta experiência, embora as novas disciplinas fossem também surgindo como resultado do novo plano de estudos consequente da Reforma do ensino das Belas-Artes publicada em 1957.

Mas esta curta conversa com o arquitecto Nuno Portas reflecte a pouca (nenhuma) importância, que as informações disciplinares e pedagógicas que Távora adquiriu, bem como os instrumentos de planeamento com que Távora se confrontou, terão tido nos métodos de ensino da arquitectura e urbanismo no Porto.

Em 1961 a revista “Arquitectura” lança um número dedicado a 12 anos de trabalho do arquitecto Fernando Távora e curiosamente, o artigo que Nuno Portas assina não refere a viagem realizada aos EUA e Japão, no ano anterior.

Mas é importante desmitificar esta viagem como uma viagem *romântica*, que permitiu a Távora, exclusivamente, ver a arquitectura de Wright, um dos arquitectos que mais admirava, ou simplesmente *perder-se* no misticismo japonês ou nas pedras da Acrópole.

Olhando objectivamente para o itinerário percebemos que o maior período, de 13 de Fevereiro a 11 de Maio de 1960 foi passado nos EUA, o que significa que 3 dos 4 meses de viagem foram praticamente *apagados* da história da viagem, com a excepção de Wright, como revela a resposta a uma pergunta de Fernando Agrasar “O objectivo da viagem era visitar centros de estudos de

¹⁶²Fernando Távora, Diário 1960, *idem*, pag.285a.

¹⁶³“Os anos 60”, in *Ra*, *idem*, pag.56

arquitectura, de faculdades de arquitectura, e levava uma lista de seis universidades que eu visitei durante uma semana”¹⁶⁴!!!!

Acredito, ainda assim, que na memória do arquitecto, e em alguns momentos da sua vida profissional, essa experiência tenha sido importante, embora, aparentemente, tenha ficado para segundo plano, imediatamente após a sua chegada.

A verdade é que os anos seguintes aos da viagem foram “Tempos agitados os que se abrem a partir de 61: o início e intensificação da guerra colonial, as contradições internas do regime, a agudização e radicalização da luta anti-fascista, a quebra (lenta mas progressiva) do isolamento cultural do país, lançam novos desafios à consciência de futuro: na Escola, no movimento de crítica à Reforma de 57, evidencia-se um projecto de curso alimentado na *expectativa* metodológica da síntese projectual; na prática profissional, a reduzida solicitação pública da acção qualitativa do arquitecto, a burocracia centralizadora do aparelho administrativo e urbanístico, e a descrença (que não significa alheamento) de intervir globalmente ou planificadamente no processo de construção do meio físico, remetem a acção disciplinar para a realização individual, pontual e fragmentada.”¹⁶⁵

Foi uma viagem dentro do tempo e ao encontro das temáticas que preocupavam os arquitectos na época.

Se fizermos uma análise sucinta aos conteúdos da revista *Arquitectura* é possível perceber que esta publicação vinha sendo o reflexo dos problemas que preocupavam a classe e também das *modas* e interesses da época da década de 50 e inícios de 60. No nº 61 (1957), vem publicada a “Reforma do ensino das Belas Artes”, o nº 62 (1958), refere a arquitectura dos países Nórdicos (orgânica), o nº63 contém um artigo sobre a “antologia do Movimento Moderno”, o nº64 (1959) publica a “Tese ao X CIAM” em Drubovnik, apresentada pela equipe da qual Távora fazia parte, o nº65 (1959) faz um apanhado da “Situação Americana”, o nº66 (1959) traz um artigo de Nuno Portas sobre “A responsabilidade de uma novíssima geração no Movimento Moderno em Portugal”, o nº 67 (1959) é dedicado a F. L. Wright, o nº 68 (1960) traz um artigo de Chombart de Lauwe sobre “Sociologia da Habitação”, o nº 69 refere-se sobretudo ao urbanismo e contém um artigo dedicado ao problema das Ilhas no Porto e à proposta para o Bairro da Pasteleira, o nº 76 (1962), contém um artigo dedicado à “Metrópoles de Amanhã” etc.

Em 1959 Nuno Portas faz um claro ponto de situação sobre o estado de espírito em volta da arquitectura e urbanismo em Portugal.

¹⁶⁴“Entrevista con Fernando Távora”, in *Catálogo de Exposição Fernando Távora*, Exposição itinerante, organização: departamento autónomo de arquitectura da universidade do Minho, asociación primeiro andar _escola técnica superior de arquitectura da coruña, asociación primeiro andar _colexio oficial de arquitectos de galicia, Fevereiro 2002, pag.22.

¹⁶⁵“Os anos 60”, in *Ra, idem*, pag.55

“Cremos por isto que a modernidade urbanística e arquitectónica não está já num dado vocabulário, mas que é possível e necessário defini-la no *plano da metodologia*, i. é, no modo de conexão do acto criador com os processos de conhecimento da realidade” (...)

“Mas, e sobretudo, a formação do espaço responderá a uma procura minuciosa das necessidades humanas, resolvendo no plano da forma as ambiguidades e as contradições das exigências pessoais e sociais – não de uma pessoa ou de uma classe teóricas ou futuras, mas ao contrário – e isto é que é novo – tomadas na sua existência concreta, nos seus impasses e contradições – como têm vindo a ser pressentidos pelas ciências humanas (fenomenologia, psicologia, sociologia).

Libertação tecnológica, integração da realidade natural e humana preexistente e em transformação, adesão aos movimentos sociais e pessoais mais dificilmente objectiváveis, eis o que me parece poder constituir uma plataforma comum que, em conjunto com a conquista de campos cada vez mais vastos de actuação do arquitecto (da planificação aos pormenores do “design”) pode indicar uma nova etapa de enraizamento cultural e social.”¹⁶⁶

É possível perceber que, as questões levantadas por Távora no decorrer da viagem, do ponto de vista *científico* e disciplinar, são coincidentes com as temáticas publicadas na revista e que são espelho das preocupações dos arquitectos na época. Távora foi, sempre, um participante activo dessas discussões, nos anos anteriores e nos que se seguiram à viagem.

O sentimento na Escola onde “se entende que a acção escolar oriente progressivamente a formação para exercícios de simulação da organização do espaço a partir do real, da leitura e da compreensão das necessidades humanas vitais e articulares nas situações confrontadas; a partir de poéticas formais ligadas a necessidades programáticas criticadas ou elaboradas previamente ou no curso do próprio processo de desenho.”¹⁶⁷, tem pois um paralelo com a posição de Távora quando afirma: “Sente-se que o momento é de pesquisa e de dúvida, de reencontro, de drama e de mistério. Como, portanto, concluir com clareza?”¹⁶⁸

¹⁶⁶Nuno Portas, “A responsabilidade de uma novíssima geração no movimento moderno em Portugal”, in *Arquitectura*, nº66, Lisboa, 1959, pag.14.

¹⁶⁷“Os anos 60”, in *Ra, idem*, pag.56.

¹⁶⁸Fernando Távora, “O Encontro de Royaumont”, in *Arquitectura*, nº 79, Lisboa, 1963.